



Fernando Ribeiro | Portfólio



Tradição e Inovação | 2011
Parque Tingüi
Curitiba | Brasil
📷 Flávio Ribeiro

Capa:
Esforço | 2011
Cafofo Couve-Flor
Curitiba | Brasil
📷 Flávio Ribeiro

Biografia curta	3
Statement	4
Eu e o Público 2001	5
Monotipando 2002	8
Potência 2004	11
O Datilógrafo 2009	14
Distensão 2010	17
Eu Prometo! 2011	20
Tradição e Inovação 2011	24
Esforço 2011	28
Jogando Xadrez 2013	32
Articulação 2013	35
Contínuo 2014	38
Rastros 2014	42
Dialética do Corpo e Espaço 2014	45
Saber-come 2015	56
Sobre o Não-simbólico 2016	59
Trilogia do Tempo: Passado 2016	62
Amálgama 2016	64
Sobre o olhar estrangeiro 2016	68
Trilogia do Tempo: Futuro 2016	72
Distentio Anime 2018	76
CV	79
Na Mídia	85

🏠 www.fernandoribeiro.art.br
📺 vimeo.com/channels/fernandoribeiro
✉ artist@fernandoribeiro.art.br
📱 [djfernandoribeiro](https://www.instagram.com/djfernandoribeiro)
☎ +55 41 99992-1873



Biografia curta

Artista da performance e curador. Iniciou seus estudos sobre performance art em 1999 e desde então se firmou como um dos principais expoentes desta arte no sul do Brasil. Apresentou seu trabalho em espaços como o Grace Exhibition Space (Nova Iorque, 2012), Defibrillator Performance Art Gallery (Chicago, 2012) e Mobius (Boston, 2012). Entre os eventos que participou destacamos MIP – Manifestação Internacional de Performance (Belo Horizonte, 2003); O Corpo na Cidade (Curitiba, 2010); Miami Performance International Festival (Miami, 2013); Performance no Memorial, (Belo Horizonte, 2014), TERRA COMUNAL – Marina Abramovic + MAI (São Paulo, 2015), Poéticas do Corpo (Campinas, 2016); Corpus Urbis (Amapá, 2017); Cada Vez Mais Perto (Curitiba, 2018).

Desde 2012 é curador da plataforma p.ARTE. Foi curador da Bienal Internacional de Curitiba (2013, 2015 e 2017), da terceira edição do CCBB música.performance (São Paulo, 2015) e do MIP3 (Belo Horizonte, 2016). Fernando vive e trabalha em Curitiba.

Statement

Iniciei meus estudos sobre a performance art em 1999 e desde então a ação se tornou o centro de minha pesquisa teórica e prática. Questões como o “poder-fazer”, o “saber-fazer”, o “como-fazer”, a responsabilidade de agir, o possível na ação sempre foram guias de reflexão e ação no meu trabalho prático. Performances como *Eu e o Público* (2001), *Potência* (2004) e *Distensão* (2010) se desenvolveram nesses sentidos.

No campo teórico, meus estudos sobre a ação se desenvolvem no campo filosófico. No início meus estudos partiram de Hannah Arendt e Habermas, contudo, a partir de 2008 — quando comecei a cursar a especialização em Estética e Filosofia da Arte na UFPR — me direcionei ao estudo da fenomenologia hermenêutica de Paul Ricoeur, que tem o agir humano como um dos principais temas em sua obra.

Influenciado por Paul Ricoeur, a ação atinge novas dimensões em meu trabalho, onde começo a explorar ações simples, ações complexas e práticas nele. O simplesmente agir torna-se agir no mundo e agir com os outros. A responsabilidade de agir continua sendo minha, mas meu trabalho fica cada vez mais aberto a interferência do outro sem orientação, direção e coerção, ou seja, ação do outro parte de sua vontade de agir perante o meu trabalho. Performances como *Contínuo* (2014) e *O Datilógrafo* (2015) exploram essa ampliação da ação.

Em um dado momento, a filosofia ultrapassou o campo teórico e se expandiu como reflexão prática e criação em meu trabalho. Dos meus estudos filosóficos surgiram performances como *Tradição e Inovação* (2011), *Eu Prometo* (2011), *Trilogia do Tempo: Futuro* (2016) e *Distentio Anime* (2018).

Considero a espaço como horizonte, o tempo presente, o corpo agente, a presença do público como interlocutor e a ação como traços ontológicos da performance art. Para mim, a performance art revela o mundo da vida (*lebenswelt*).

Eu e o Público | 2001

Ano de Criação: 2001

Última execução: 2013

Quantidade de execuções: 11

Locais: Curitiba, Belo Horizonte, Salvador, Florianópolis, Vitória, Brasília, Miami/Estados Unidos

Tempo de duração: 30 minutos a 1 hora

Descrição da Ação

Com um filme de PVC, começo a envolver objetos no espaço, colunas, postes. Ao ligar um objeto a outro, crio uma trama no espaço. A partir de um dado momento, paro de envolver o espaço e começo a envolver meu próprio corpo, conectando-me à trama. Envolver-me dos pés à cabeça, com um estilete abro o plástico que tampa minha boca para poder respirar e continuo a me envolver até minhas energias se extinguirem e cair ao chão. No chão, começo a rasgar todo o plástico preso ao meu corpo, desligando-me da trama e finalizando a performance.

Sobre a performance

Eu e o Público foi a minha primeira obra de performance art. Neste trabalho busco criar um diálogo, uma conexão com o público por meio de minha ação. Essa performance é voltada para locais públicos e, ao começar a envolver o espaço crio uma tensão que amplio conforme a trama se amplia. Envolver objetos do espaço em que se encontram as pessoas, mas nunca as pessoas em si. Quando sinto certa conexão com as pessoas, paro de envolver o espaço e começo a me envolver, conectando-me a trama. A tensão passa da minha relação com o espaço diretamente para a relação com o público.

Eu e o Público | 2011

Trampolim

Vitória | Brasil

📷 Sérgio Prucoli





Sérgio Prucoli



Sérgio Prucoli

Monotipando I 2002

Ano de Criação: 2002

Última execução: 2003

Quantidade de execuções: 2

Locais: Curitiba, MIP – Belo Horizonte

Tempo de duração: 30 minutos a 1 hora

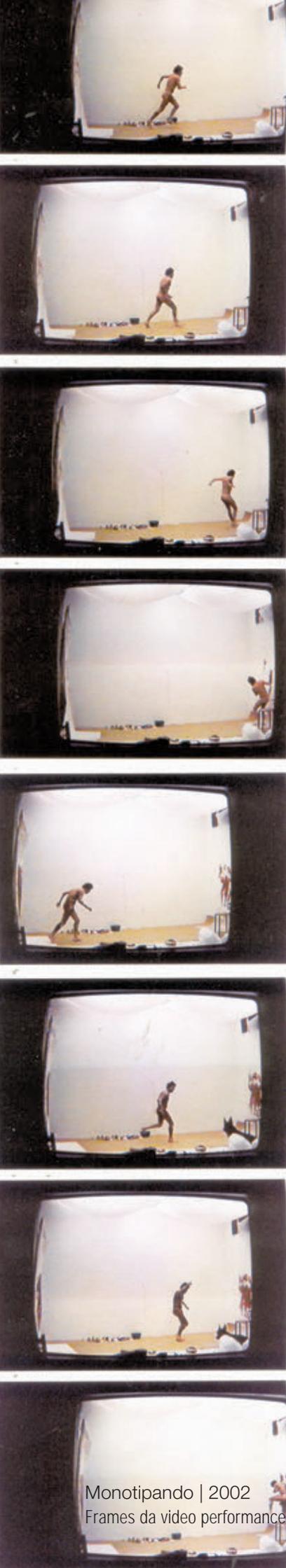
Descrição da Ação

Começo pintando uma tela, utilizando tinta acrílica. O processo e o tempo são os da pintura, da ação de pintar. Faço uma pintura abstrata, carregada de tinta, trabalho com diversas cores. Pinto somente com um pincel e misturo as cores na tela. Após terminar a pintura, saio para uma sala ao lado. Volto nu, correndo, e jogo-me com força contra a pintura. Logo após, jogo-me contra outra parede, do outro lado da sala, transferindo a pintura com o meu corpo. Jogo-me contra a pintura e a outra parede até quando meu corpo aguentar. Após não conseguir me jogar mais, saio da sala, finalizando a performance.

Sobre a performance

Inicialmente, esta performance foi criada como videoperformance, com uma câmera de vídeo fixa registrando toda a ação. A convite do festival MIP – Manifestação Internacional de Performance -, em 2003, apresentei o trabalho ao vivo.

A performance partiu do trabalho que estava desenvolvendo em pintura na época, uma mescla de pintura e monotipia. Refletindo os traços autobiográficos naqueles trabalhos, cheguei à conclusão que eram as ações de pintar e fazer a monotipia. Assim, busquei ampliar essa ação para além da pintura e monotipia, tornando a ação em si o principal motor do trabalho. Desse modo, da pintura e monotipia entre telas, passei para a pintura em uma grande tela na parede, expandindo a monotipia por meio do meu corpo para a grande sala. O meu corpo, assumindo o *status* do corpo próprio, faz a monotipia ao extrair a tinta da tela pintada e imprimir em outra parede.



Monotipando | 2002
Frames da video performance





Alex Cabral



Marcelo Terça-Nada

Potência | 2004

Ano de Criação: 2004

Última execução: 2013

Quantidade de execuções: 2

Locais: Casa Hoffman e Museu Oscar Niemeyer | Curitiba.

Tempo de duração: 2 a 3 horas

Descrição da Ação

Em uma sala grande, vemos uma potência de som. Conectado à potência há um dispositivo. Saindo da potência, 400m de cabo de som, todos enrolados formando um grande emaranhado de cabos. Do outro lado da sala, há duas caixas grandes, com cabos de som saindo delas, mas fixos no chão. A potência de som está ligada, mas nada se ouve. Visto os cabos no meu corpo, tensiono-os em direção às caixas e vou desfazendo o bolo de cabos com a intenção de alcançar as caixas. Sempre conectados ao meu corpo, vou mudando a posição dos cabos, de modo que consiga desfazer os nós e avançar. A performance acaba quando consigo conectar os 400m de cabos aos cabos das caixas, transmitindo o som que sai na potência, por meio do dispositivo.

Sobre a performance

Neste trabalho exploro a teleologia da ação, o objetivo de uma ação, o “em vista de”. Também foi a primeira vez que explorei uma ação linear e de longa duração. Foi minha primeira performance em que o tempo é alongado, mas ainda dependente fortemente do desenvolvimento da ação.





O Datilógrafo | 2009

Ano de Criação: 2009

Execução única.

Local: Sesc da Esquina | Curitiba

Tempo de duração: 3 dias, 2 a 3 horas por dia.

Descrição da Ação

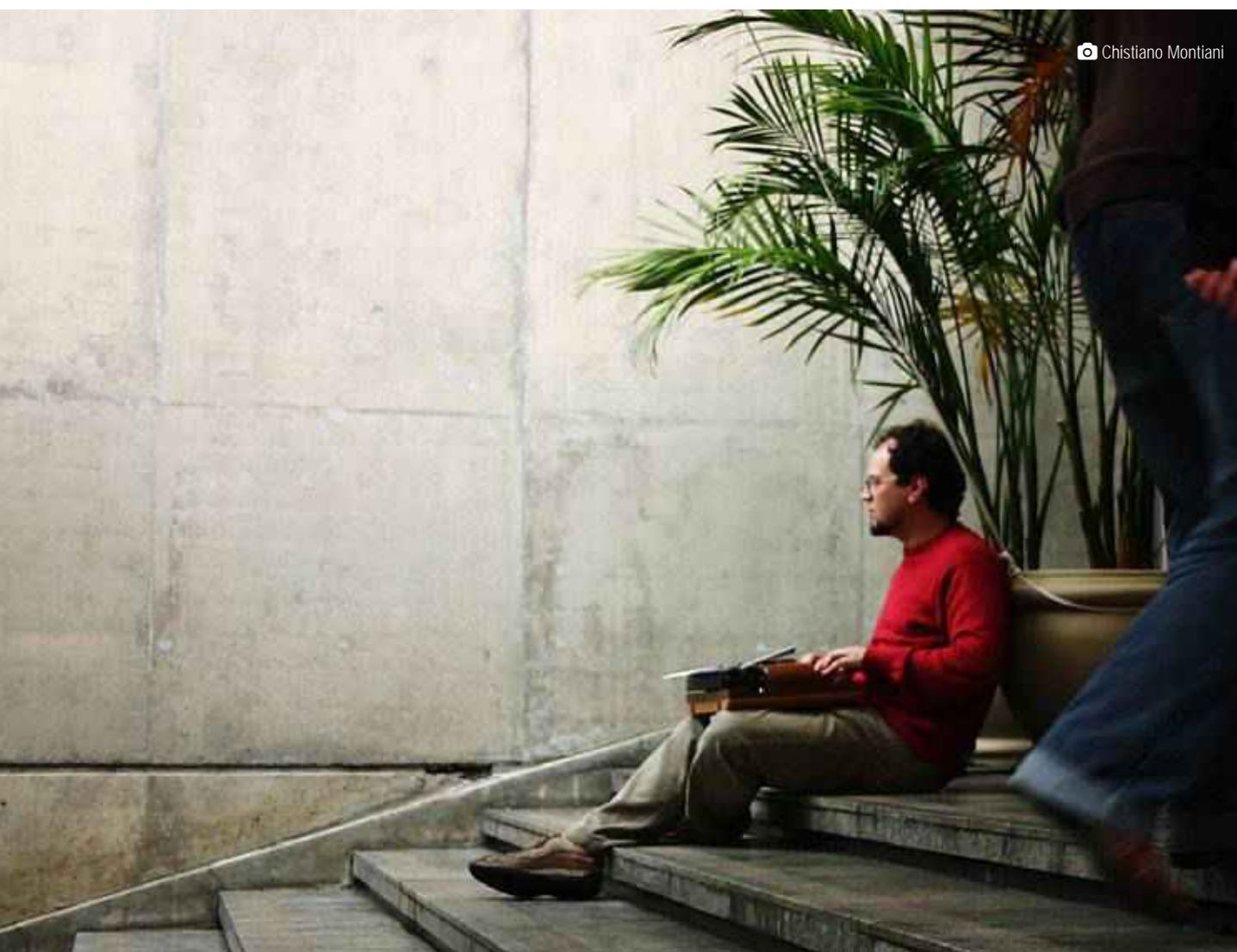
Munido com uma máquina de datilografia portátil, uma bolsa contendo uma resma de papel A4, sacos plásticos e fita adesiva, escolho um local no espaço, como o chão, escadas, cadeiras etc. Sento-me, abro a máquina de escrever, tiro uma folha de papel na bolsa, coloco na máquina e começo a escrever sobre minhas impressões, o que vejo, o que acontece, o que penso. Sempre começo a escrever com o local, data e número da página. Após finalizar a página, coloco-a em um saco plástico e, com a fita adesiva, fixo a página no local. Logo após, procuro outro lugar para escrever a próxima página.

Sobre a performance

Após um período sem executar obras de performance (2006-2009), mas muito refletir sobre o que já foi produzido, crio a performance o Datilógrafo. Diferentemente dos trabalhos anteriores, focados no desenvolvimento de uma ação, esse possuía uma esfera mais experimental e relacional. A convite do Sesc da Esquina, apresentei essa performance em que resgato a prática da datilografia, da qual possuo um grande domínio. Esse trabalho parte da escrita, da fixação pela escrita por meio de uma tecnologia ultrapassada e, apesar do trabalho transitar entre o jornalismo a literatura, o seu principal foco está na memória. Não apenas a minha memória relacionada à prática, mas a memória que as pessoas têm dela, ativada pela ação de datilografar mais do que o objeto em si, pelo som específico gerado por uma escrita rápida. Uma memória auditiva coletiva que aos poucos se esvai.



Chistiano Montiani



Chistiano Montiani



Christiano Montiani



Christiano Montiani

Distensão | 2010

Ano de Criação: 2010

Última execução: 2011

Quantidade de execuções: 2

Locais: Sesc da Esquina | Curitiba / Performa Paço – Paço das Artes, São Paulo.

Tempo de duração: 30 minutos a 1h20min

Descrição da Ação

Um espaço com três paredes. Uma parede grande ao fundo e duas menores aos lados. Cem ganchos fixos nessas paredes. No meio da parede maior encontra-se uma bacia com graxa azul. De cada lado da bacia há duas cordas. Cada corda possui 25m e 100 ganchos de ferros conectados a ela. Em cada ponta de cada corda há um grande nó-de-força. Começo a performance entrando no espaço descalço, fico diante da bacia com graxa, fixo um nó-de-força de uma corda no meu pé e outro nó-de-força da mesma corda no meu pulso. Faço o mesmo com a outra corda, ficando cada corda conectada aos meus membros, sem cruzá-las. Entro com os dois pés na bacia com graxa azul, saio andando, pego um gancho de uma corda e o fixo em um gancho da parede. Volto à bacia, colocando os dois pés, para sair e pegar o gancho de outra corda e a fixar na parede. Faço esse movimento de fixar as cordas até o momento em que não consigo mais me movimentar e caio. Solto meus pulsos e pés do nó-de-força, finalizando a performance.

Sobre a performance

Neste trabalho retomo o foco na ação, presente nos meus trabalhos iniciais. Com ele, busco distender a ação, mais do que a estender. A cada movimento meu, a cada gancho que fixo na parede, minha ação se conecta ao passado, delimitando o futuro. Quanto mais ajo, mais dificulto minha ação. Quanto mais me movimento, mais limites crio para mim mesmo. Esse é um trabalho que está diretamente relacionado ao poder-agir e ao saber-agir. O que sabemos, como sabemos agir e como podemos agir. É também minha primeira performance em que os estudos filosóficos invadem o trabalho prático.

Distensão | 2010

Ato Performático

Sesc da Esquina

Curitiba | Brasil

Flávio Ribeiro





Eu Prometo! | 2011

Ano de Criação: 2011

Última execução: 2014

Quantidade de execuções: 7

Locais: Vitória, Boston/Estados Unidos, Curitiba, Miami/Estados Unidos, São Paulo, Belo Horizonte

Tempo de duração: 30 minutos a 1 hora

Descrição da Ação

Dois baldes de aço, um cheio de gelo, outro cheio de água recém-fervida. Entre eles, um grande vaso de vidro. De um lado, 12 rosas brancas; de outro um monte de roupas de solda e um borrifador de água. Começo a performance me ajoelhando de frente para o vaso de vidro e os baldes de aço. Pego uma rosa e começo a tirar suas pétalas, colocando-as no balde de água fervida. Enquanto faço essa ação, reflito sobre a frase: “Quando eu falo ‘eu prometo’, eu prometo uma ação a alguém”. A reflexão dura o tempo de colocar as pétalas das rosas no balde. Coloco minhas mãos no balde de gelo e logo após coloco-as na água fervida, fazendo submergir as pétalas de rosas na água fervida, produzindo água de rosas. Volto minhas mãos para dentro do balde de gelo e continuo a essa ação repetidamente. Enquanto a faço, relembro minha reflexão sobre o ‘eu prometo’. Logo começo a colocar a água fervida com pétalas dentro do vaso de vidro, assim como o gelo também, mesclando ambos. Ao encher o vaso ou ao acabar de tirar toda água fervida de rosas, levanto-me e visto a roupa de solda, uma roupa de proteção. Após vestir a roupa, encho o borrifador com a água de rosas do vaso de vidro e começo a borrifar no espaço em volta. Após borrifar, tiro a roupa de proteção, volto a me ajoelhar perante o vaso de vidro. O vaso ainda contém um pouco de água de rosas. Pego-o e o viro sobre mim, bebendo a água e ao mesmo tempo tomando um banho com ela, finalizando a performance.



Sobre a performance

Considero esta performance uma pedra angular no meu processo artístico. Foi e ainda é um trabalho inovador para mim. Nele, supere o desenvolvimento de uma ação simples e encaminho-me à exploração de ações complexas. Contudo, sem abandonar a pesquisa produzida até esse momento.

Nesta performance pela primeira vez trabalho com um texto. Não um texto decorado ou interpretado, mas um texto filosófico, uma reflexão filosófica. Nele, também, trabalho com materiais de grande potencial simbólico, com a preocupação, entretanto, de não lhes dar uma inteligibilidade superficial voltada a uma única compreensão. Há, portanto, o potencial simbólico, mas não é ele que define o trabalho. Faz parte da obra total, ou seja, compõe a obra tanto quanto as ações desenvolvidas e o texto.

A performance é sobre o “Eu prometo”, mais do que a promessa em si. É uma reflexão do ato de prometer e de que o simples dizer ‘eu prometo’ já é em si uma ação. E, superando a própria reflexão filosófica interna da performance, ela em si torna-se um ato de prometer, uma promessa.

Eu Prometo! | 2014
Performance no Memorial,
Memorial Minas Vale
Belo Horizonte | Brasil
Guto Muniz.





Tradição e Inovação | 2011

Ano de Criação: 2011

Execução única.

Local: Parque Tingüi | Curitiba

Tempo de duração: 1h 10min.

Descrição da Ação

A performance foi executada no Parque Tingüi, em Curitiba, numa tarde de outono. Vestindo uma roupa larga e cinco pedaços de cordas, direciono-me a uma área do parque que tem o predomínio do pinheiro Araucária, árvore nativa da região. Amarro as extremidades de minhas pernas com cordas e começo a colocar os galhos e folhas (grimpas) desta árvore dentro de minha calça. Tendo preenchido a minha calça, amarro as extremidades do meu braço e minha cintura com as cordas e coloco dentro de minha blusa, por meio da gola, os galhos da árvore. Saio caminhando com os galhos entre minha roupa e meu corpo em direção a outra área do Parque. Após quatrocentos metros de caminhada, chego a uma área que possui somente árvores de Bordo, planta exótica à região. Embaixo dessas árvores, solto as cordas e começo a tirar os galhos e folhas de Araucárias, misturando-os às folhas de bordo no chão. Após tirar todos os galhos, amarro novamente as extremidades dos meus membros e cintura com as cordas e começo a encher com as folhas de bordo. Após preencher toda a roupa, volto caminhando para a área do parque que possui somente Araucárias. Solto as cordas e começo a misturar as folhas de bordo aos galhos e folhas de araucária, terminando a performance.

Sobre a performance

Este trabalho está diretamente relacionado aos meus estudos de filosofia, em especial à fenomenologia hermenêutica do filósofo francês Paul Ricoeur e, mais precisamente, à sua dialética da sedimentação e inovação. Para o filósofo a tradição surge a partir da relação entre o novo e o sedimentado.

Com esta performance, busquei expandir praticamente esse conceito por meio da arte. Apesar de esses temas serem da cultura, faço essa relação na natureza, mais precisamente na relação direta e intrínseca entre a cultura e a natureza: em um parque da cidade onde moro, Curitiba.



Flávio Ribeiro



Flávio Ribeiro





Esforço | 2011

Ano de Criação: 2011

Última execução: 2013

Quantidade de execuções: 7

Locais: Curitiba, Itajaí, Chicago/Estados Unidos, Nova York/Estados Unidos

Tempo de duração: 1 hora a 1h30min

Descrição da Ação

No espaço há uma cadeira, um rolo de elástico, um balde com gizos, agulhas, uma tesoura. Sobre a cadeira, há o Capacete para uma Mesma Visão. Há um projetor e som conectado a um computador. Pego o capacete, coloco na minha cabeça e o ligo. O som e a visão do capacete são transmitidos por meio de um smartphone, via wifi, para a internet, posteriormente sendo projetados no espaço, compartilhando minha visão. Minha visão fora do capacete é mediada pelo smartphone. Sento na cadeira, pego o rolo de elástico, corto um pedaço e amarro-o a uma parte do meu corpo. Pego a outra ponta do elástico e passo numa agulha. Com o elástico na agulha, começo a fixar gizos nele e a envolver no meu corpo. Amarro o elástico e volto a pegar um novo pedaço para amarrar em outra parte do meu corpo. Quando não consigo mais ter a visão para passar o elástico na agulha, levanto-me e peço ajuda a alguém do público para fazer isso. Essa ação se repete por mais ou menos 1 hora, fixando os elásticos com gizos ao meu corpo. Num dado momento, começo a me enrolar com o elástico, prendendo o balde de gizos ao meu corpo. Levanto-me, direciono-me a outro espaço ou sala na qual está um cavalete com lixas de ferro. Nas lixas começo a arrebentar os elásticos, a partir da fricção de meu corpo, fazendo com que os gizos e elásticos caiam ao chão. Quando me solto de todos os elásticos, tiro o capacete, finalizando a performance.





Sobre a performance

Criei esta performance a partir do convite da artista Michelle Moura para apresentar um trabalho relacionado a som. Nele, há dois sentidos relacionados: o compartilhamento do som captado pelo Capacete para uma Mesma Visão e o som de minhas ações, ampliado pela fixação dos guizos ao meu corpo. O Capacete para uma Mesma Visão é um objeto que criei pensando em como incluir a transmissão via internet dentro da performance, como parte dela. Assim como minha visão é mediada por um smartphone, consigo compartilhar o que vejo e meus sons por meio da rede, podendo ser visualizado no site e com projetor e caixas de sons no local. Por conta dessa mediação e conforme a velocidade de conexão, o capacete ora produz eco ora um *reverb* contínuo. Durante a performance, perco aos poucos a definição de minha visão, por causa ao calor interno do capacete. O trabalho se direciona para uma relação de mais tato no agir. Aqui, a relação entre poder-agir e saber-agir, constante em trabalhos anteriores, retorna, assim como a dificuldade de agir conforme o desenvolvimento da própria ação.



📷 Ryan Hawk



📷 Ryan Hawk



Jogando Xadrez | 2013

Performance realizada em conjunto com o artista Washigton Silvera.

Ano de Criação: 2013

Execução única.

Local: Boca Maldita | Curitiba

Tempo de duração: 1h.

Descrição da Ação

A performance é um simples jogo de xadrez, utilizando o Objeto para Performance do artista Washigton Silvera. Esse objeto é uma mesa de xadrez alongada, com a largura de 40 cm e o comprimento de 2,10m. A performance começa quando vamos à Boca Maldita, centro de Curitiba, levando duas cadeiras e o Objeto para Performance. Montamos a mesa de xadrez, colocamos uma cadeira em cada ponta, colocamos as peças no tabuleiro e, assim, começamos a jogar. Todas as regras do xadrez são respeitadas, como em um jogo comum. A performance termina quando um dos jogadores vence.

Sobre a performance

O trabalho surgiu a partir do convite do artista Washigton Silvera, após ele ter produzido o Objeto para Performance. A ideia era simplesmente jogar, um jogo simples de xadrez, mas no espaço público. Marcamos para um dia, em horário de almoço, para executarmos esse jogo. Nenhum dos dois é especialista em xadrez e há muito tempo ambos não jogavam. Não havia marcador de tempo; a performance duraria o tempo do jogo.

Essa é a primeira performance em que exploro uma prática, no caso o jogo, no meu trabalho. Assim sendo, consegui alcançar um âmbito mais amplo da pesquisa sobre a ação, para além da ação simples e mais próximo da ação complexa.



Jogando Xadrez | 2013
com Washigton Silvera
Boca Maldita
Curitiba | Brasil
📷 Lauro Borges







Articulação | 2013

Ano de Criação: 2013

Última execução: 2013

Quantidade de execuções: 2

Locais: p.ARTE e Tijucão Cultural – Curitiba

Tempo de duração: 40 minutos a 1h

Descrição da Ação

Presas ao teto há duas roldanas. Em cada roldana passa uma corda. Em uma ponta está amarrado um balde com pregos e, em outra, um martelo. Diante desse sistema de roldanas há um canto de parede. No chão, rolos de elástico largos. Coloco-me no canto de frente para o sistema de roldanas, puxo o martelo para baixo, fazendo subir o balde com pregos. Pego um prego, prendo a corda na minha boca, deixando o martelo solto, e começo a pregar o elástico na parede, na altura dos meus pés. Prego o elástico de um lado para outro, sempre subindo e descendo o martelo para poder pegar os pregos. Vou pregando o elástico, de modo que eu fique preso naquele canto. Vou me prendendo até não conseguir mais pregar ou até os elásticos e/ou pregos fixos se soltarem, caindo ao chão.

Sobre a performance

Nesta performance retomo a exploração da ação, o poder-fazer e saber-fazer. Assim como em trabalhos anteriores, como Distensão, a minha ação dificulta as possibilidades de agir. Contudo, aqui não há uma distensão da ação, mas uma estrutura teleológica, tendo como objetivo final a minha reclusão em um espaço pequeno e fechado.





Contínuo | 2014

Ano de Criação: 2014

Execução única.

Local: Independência: Quem troca? Casa Hoffman | Curitiba

Tempo de duração: 1h.

Descrição da Ação

Há uma mesa e uma cadeira no espaço. Entro carregando uma caixa e uma bolsa até a mesa. Abro a caixa e tiro uma resma de papel. Abro a resma na perna, tiro as folhas e coloco-as sobre a mesa. Da bolsa tiro fita adesiva, tesoura e fita dupla-face. Começo colando uma extremidade de cada folha a outra, alongando o tamanho das folhas. Paro de colar as páginas, tiro da caixa uma máquina de datilografar e coloco-a numa ponta da mesa. Também tiro da caixa um rolo de amassar pão e fixo-o na outra ponta da mesa. Passo a folha de papel alongado pela máquina de datilografar e pelo rolo de amassar pão. Fixo um lado da folha à outra, criando uma folha contínua que passa pela máquina de datilografar e pelo rolo. Retiro da minha bolsa um jornal popular do dia, sento-me diante da máquina de datilografar e começo transcrever as notícias. Por conta da fixação do rolo, o papel não acompanha o motor da máquina de escrever, sendo necessário sempre movimentá-la para conseguir agir. Após meia página escrita, corto a folha de papel no meio de todo o escrito e, com uma fita adesiva, coloco-a na porta externa do local.



Sobre a performance

O nome contínuo faz duas alusões: primeiramente, à continuidade possível da escrita pela máquina de escrever, em que o escrever pode se tornar um sobrescrever, uma continuidade de uma escrita sem a necessidade de parar para trocar a folha. A outra alusão refere-se à profissão Contínuo, ou o comumente usado termo office-boy. Praticamente todas as ações que desenvolvo nessa performance aprendi quando fui contínuo, com exceção da técnica datilográfica, que é anterior.

A prática, que já apareceu em Jogando Xadrez, volta ao meu trabalho, mas agora relacionada a uma profissão e de maneira mais complexa. Diferentemente de O Datilógrafo, a prática datilográfica entra neste trabalho como uma profissão técnica, quase extinta, de alguém que simplesmente transcrevia por meio da máquina um texto. Uma prática que não exige o pensar, mas simplesmente o copiar ou, como o termo sugere em inglês, “copy typist”.



Lidia Ueta



Lidia Ueta



Lidia Ueta



Lidia Ueta

Rastros | 2014

Ano de Criação: 2014

Execução única.

Local: Linguada Mostra de Artes – Selvática Ações Artísticas | Curitiba

Tempo de duração: 30 min.

Descrição da Ação

No centro do espaço há uma bacia grande de ferro. No canto, há uma cadeira. Entro no espaço, sento-me na cadeira e tiro meus tênis e meias. Estou vestido com um capote, com três bolsos, um interno e dois externos. Levanto-me e começo uma reflexão sobre a ação, tendo como linha-guia a frase “As ações deixam rastros, para além do tempo e do espaço”. Tiro do bolso do capote cinco estalinhos e coloco-os enfileirados no chão, piso em cima, estourando-os. Refletindo sobre os rastros das ações, vou tirando os estalinhos e fazendo um caminho pelo qual possa pisar. O caminho que faço tem forma de espiral, direcionando-me ao centro, onde está a bacia. Entro na bacia e começo a esvaziar meus bolsos derrubando os estalinhos dentro da bacia e estourando-os com os pés. Faço essa ação refletindo sobre os rastros das ações. Quando termino de estourar todos os estalinhos da bacia, do bolso interno tiro um lenço de papel, abro-o e coloco-o sobre a minha mão. Do mesmo bolso retiro diversos estalinhos, colocando-os sobre o lenço de papel, preenchendo toda minha mão. Fecho o lenço de papel, emulando o formato do estalinho e o estouro em minha testa, finalizando a performance.

Sobre a performance

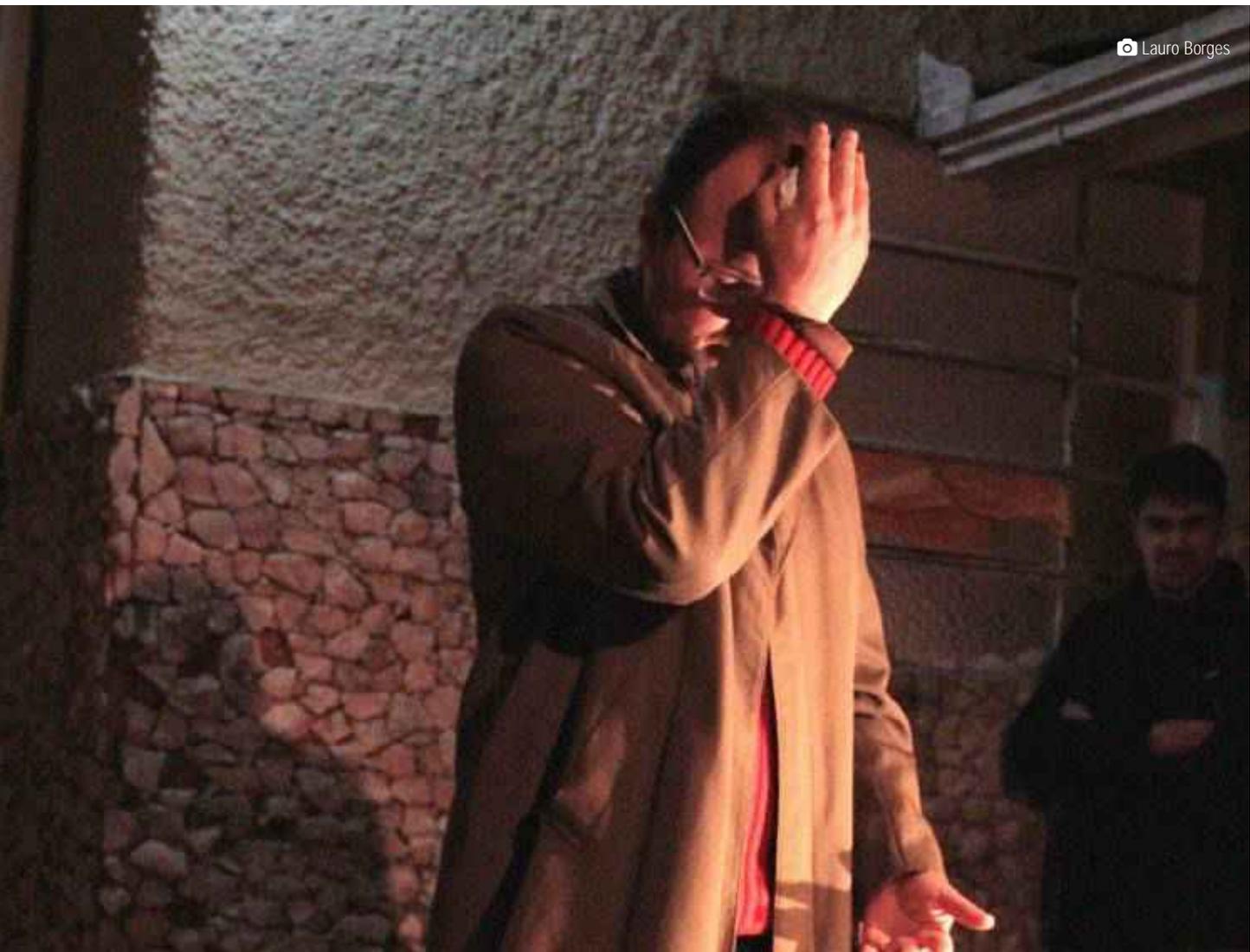
Nesta performance o texto filosófico volta ao meu trabalho. A reflexão filosófica novamente entra como motor do meu trabalho e unifico o interesse teórico e prático pela ação, seja a ação em si explorada na performance, seja a ação como reflexão explorada por meio do texto.



Lauro Borges



Lauro Borges





Dialética do Corpo e Espaço | 2014

Ano de Criação: 2014

Execução única.

Local: II Mostra de Arte Performática do Sesc Paço da Liberdade | Curitiba

Tempo de duração: 1h.

Descrição da Ação

No início da escadaria do prédio do Paço da Liberdade encontra-se um grande saco de espuma contendo 57 placas de espuma e 57 novelos de lã. Tiro do saco uma placa de espuma e, com um novelo de lã, amarro-o na sola do meu pé. Subo o primeiro degrau da escada e coloco o novelo no degrau. Tiro outra placa de espuma, outro novelo de lã, amarro-o no meu outro pé e subo, carregando o saco, mais um degrau, colocando no novelo no degrau. Para cada degrau que subo, tiro uma placa de espuma e um novelo do saco, amarrando no meu corpo e soltando o novelo em cada degrau. Até o segundo andar do prédio são 56 degraus. Subo cada degrau completando exatamente essa ação. Próximo ao segundo andar, faltando poucos degraus, não consigo mais amarrar as placas, e todos os novelos viraram um grande emaranhado de fios. Pego o saco, visto sobre minha cabeça e subo até o segundo andar. Por conta dos novelos deixados para trás, fico preso à escada. Começo a me movimentar para dar uma volta por trás dela. Quando não consigo mais me movimentar, arrebendo alguns fios de lã presos ao corpo. Quando consigo dar a volta por trás da escada, tiro do meu bolso uma tesoura e começo a descer, dessa vez cortando os fios a cada degrau que desço. Quando chego ao primeiro degrau do térreo, onde começou a performance, corto o último fio de lã, que prende a última placa de espuma ao meu corpo, finalizando a performance.

Dialética do
Corpo e Espaço | 2014
II Mostra de Arte Performática do
Sesc Paço da Liberdade
Curitiba | Brasil
📷 Lauro Borges



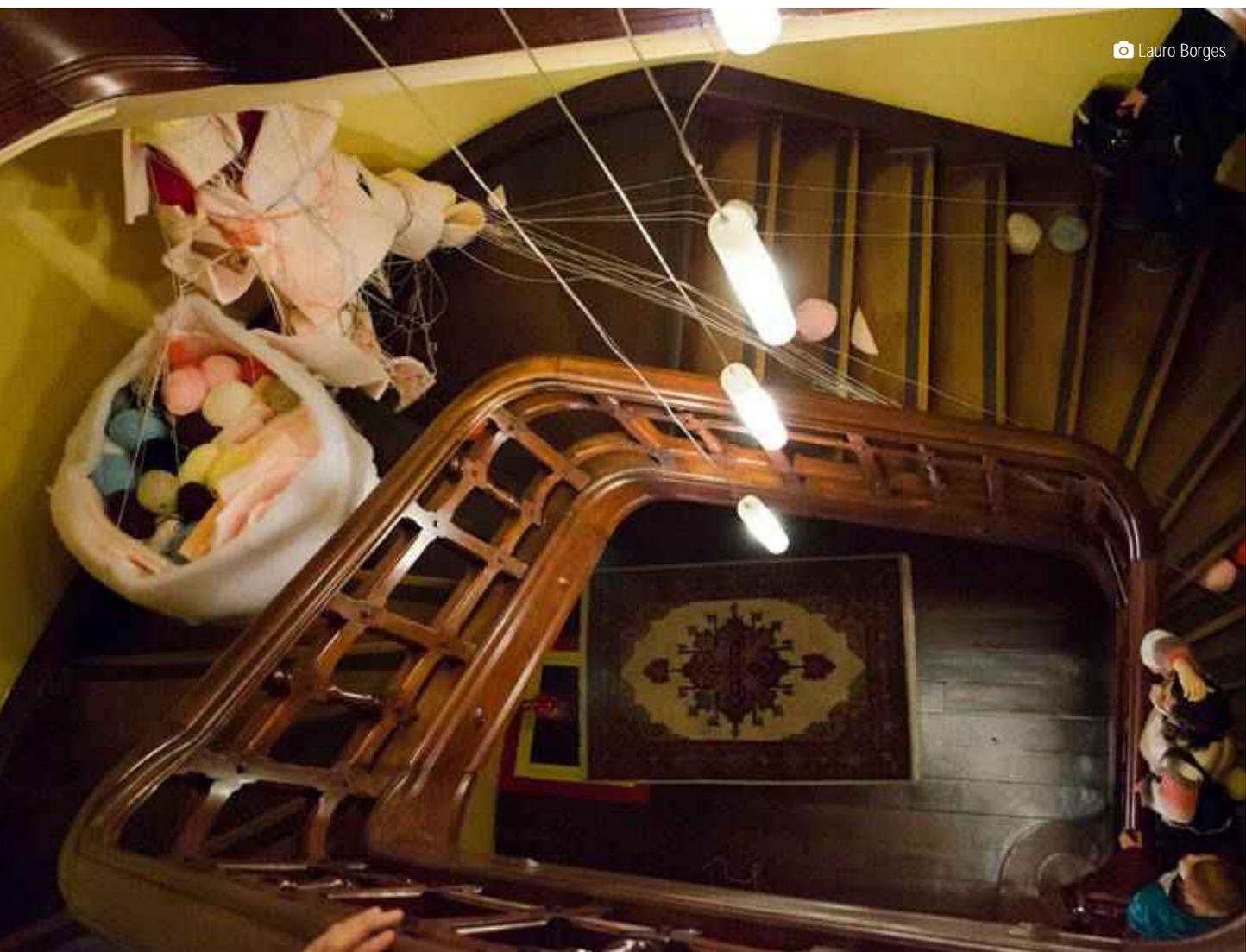
Sobre a performance

Esta performance foi criada especialmente para o prédio do Sesc Paço da Liberdade. Por ser um prédio histórico e tombado pelo Patrimônio Histórico Nacional, há diversas regras e limites que impossibilitam a execução de performance com os mais variados materiais, por exemplo, água, tinta, pó etc. Este trabalho surgiu exatamente por essa questão, a essa limitação comum em espaços tombados. Pensando em uma ação que ‘protegesse’ o espaço, trabalhei com materiais que não agredissem o mesmo, ou seja, espuma e lã. As cores dos novelos de lã foram retiradas das cores presentes no prédio.

Como em outros trabalhos, a teleologia da ação aparece como base do trabalho e o fim visado (télós) cada vez mais difícil de ser alcançado conforme desenvolvo a minha ação. Contudo, a ação ganha um novo sentido aqui, um sentido que relaciona meu corpo ao espaço. É a ação que constrói a dialética entre corpo e espaço.



Lauro Borges



Lauro Borges



Lauro Borges



Lauro Borges

O Datilógrafo | 2015

Ano de Criação: 2015

Execução única.

Local: TERRA COMUNAL — Marina Abramovic + MAI | Sesc Pompéia, São Paulo

Tempo de duração: 2 meses — 414 horas

Descrição da Ação

Durante 2 meses, 8 horas por dia, 6 dias por semana, eu percorri todos os espaços do Sesc Pompéia a escrever minhas impressões impressões do momento em que estava vivendo com minha máquina de escrever. Durante a performance eu não falava, somente escrevia. A cada lugar que parava escrevia uma página, seja falando sobre o tempo, sobre as pessoas, sobre as outras performances que estavam a acontecer, sobre a exposição, sobre meus sentimentos. Foram 414 horas de performance que resultaram em 1.388 páginas datilografadas.

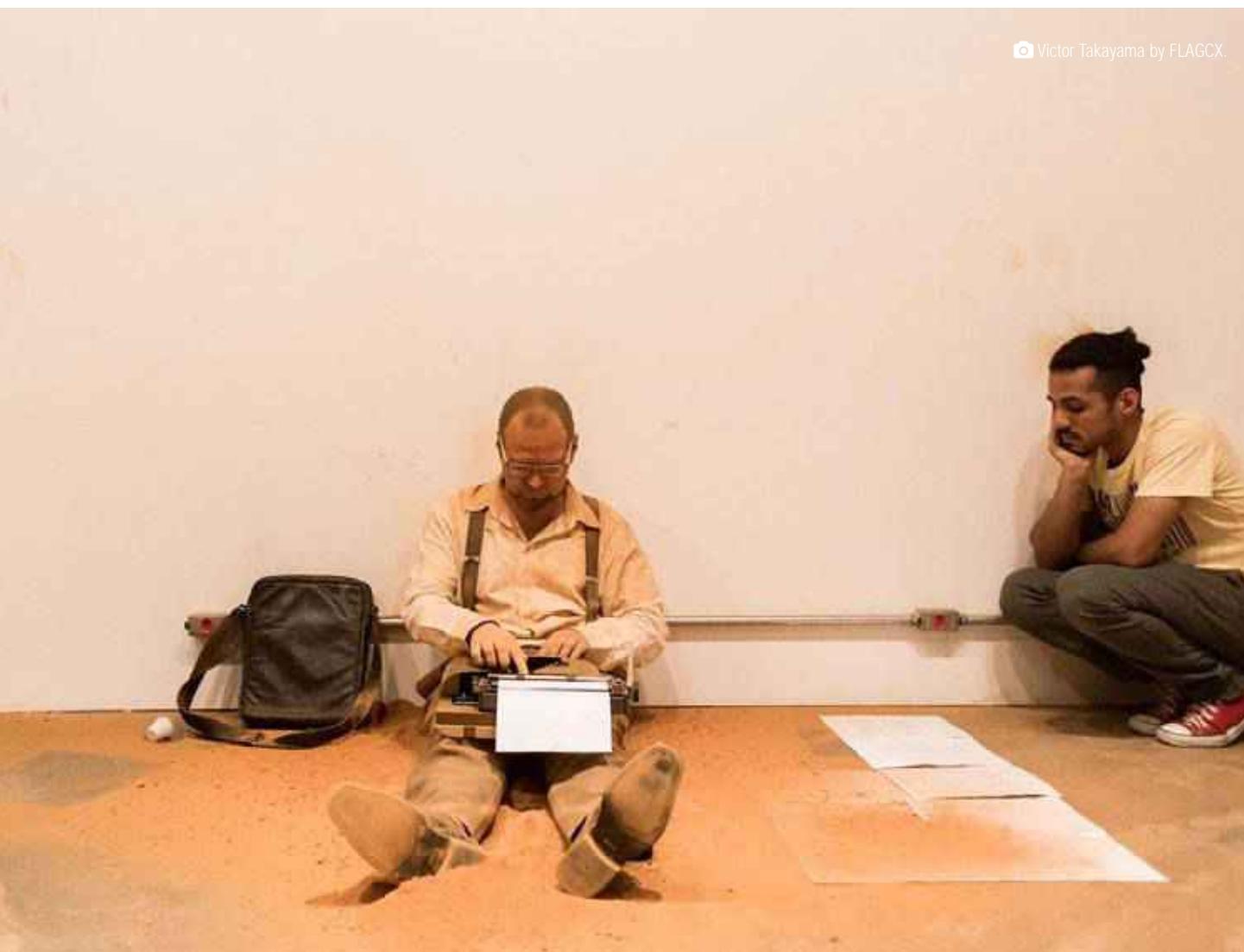
Sobre a performance

Enquanto O Datilógrafo, de 2010, era um trabalho mais experimental, este que apresentei a convite da Marina Abramovic foi um trabalho mais maduro. Nele acabei explorando a relação entre ausência e presença. Como datilografava em diversos espaços do Sesc Pompéia, estava sempre em movimento e muitas vezes não era visto. Contudo, devido o tempo da performance – e também o barulho da máquina ao escrever – havia uma forte presença. Como eu não falava, a relação com o público foi criada a partir de olhares, sinais e, principalmente, os textos que eu escrevia. A escrita/leitura tornou-se essencial na relação com público. Com o longo tempo da performance, os textos ora eram descritivos, ora narrativos, ora documentais e ora beiravam a literatura. Devido a intensa vivência, acabei renomeando espaços, apelidando pessoas – e assim criando personagens – que todos os dias se encontravam lá. Considero esse trabalho como parte da minha Trilogia do Tempo – inspirada na Aporia do Tempo de Santo Agostinho – focada na atenção ao presente.

O Datilógrafo | 2015
TERRA COMUNAL — Marina
Abramovic + MAI
São Paulo | Brasil
Victor Nomoto by FLAGCX.



Victor Nomoto by FLAGCX



Victor Takayama by FLAGCX



Hick Duarte by FLAGCX.



Victor Takayama by FLAGCX.

Dialética do Corpo e Espaço 2 | 2015

Ano de Criação: 2015

Execução única.

Local: Paralelo 31 – Reverberações da Arte Contemporânea em Pelotas – Pelotas, Brasil.

Tempo de duração: 1 hora

Descrição da Ação

A noite, carregando uma mochila nas costas, eu me encaminhei para o prédio do Mercado Central de Pelotas. Ao escolher o face mais escura do prédio histórico – que ocupa uma quadra – tirei da minha mochila 4 novelos de lã e uma lanterna. Lancei 2 novelos em cada poste de luz que se encontrava nos cantos do prédio. Ao andar de um lado a outro sempre iluminava o prédio com a lanterna. Logo após me direcionei ao centro da quadra. Assim, comecei a enrolar os novelos de lã na minha cabeça, começando a enrolar entre a nuca e a boca aberta e conectando meu corpo ao do prédio. Após enrolar bem a boca, passo a enrolar toda sua cabeça e, aos poucos, tiro outras lanternas de mochila, fixando-as com os novelos de lã em minha cabeça de modo que conseguisse iluminar o prédio. Eu fico sempre de frente para o prédio. Após fixar 5 lanterna ao meu corpo e ter a cabeça toda enrolada com os fios de lã, solto os novelos e começo a andar para trás, tensionando os fios que me prendem ao prédio. Quando os fios arrebentam, caio ao chão e com uma tesoura corto os fios amarrados em minha cabeça e me levanto, terminando a performance.





Sobre a performance

Com a performance Dialética do Corpo e Espaço, (DCE) de 2014, iniciei uma série de trabalhos pensando a relação espacial, de arquitetura e com meu corpo. Em geral são espaços que possuem limitações e que exigem um trabalho que se adapte a ele. A Dialética do Corpo e Espaço 2 foi criada especialmente para a mostra Paralelo 31 – Reverberações da Arte Contemporânea em Pelotas. Foi selecionado o prédio histórico do Mercado Central como o local da performance e desenvolvi o trabalho para ele. Assim como a DCE 1, escolhi trabalhar com o novelo de lã devido a sua natureza não agressora em relação a arquitetura. O fato da performance estar programada para acontecer a noite me possibilitou explorar a questão da visualização da arquitetura a noite. Devido a isso escolhi o lado mais escuro do prédio durante a noite. A relação deste trabalho não é só com a arquitetura mas também com a cidade de Pelotas. Após fixar os novelos de lã na arquitetura, começo envolvendo-os entre minha nuca e minha boca aberta. A escolha desta ação está relacionada a história de Pelotas. As pelotas – de onde surge o nome da cidade – eram barcos de fundo arredondados que serviam para carregar o charque para o outro lado do rio. Os escravos carregavam as pelotas puxando pela boca e atravessando o rio a nado.



Rogério Franck da Silveira



Rogério Franck da Silveira



Rogerio Franck da Silveira



Rogerio Franck da Silveira

Saber-cómo | 2015

Ano de Criação: 2015

Execução única.

Local: Paralelo 31 – Reverberações da Arte Contemporânea em Pelotas – Pelotas, Brasil.

Tempo de duração: 1 hora

Descrição da Ação

Começo a performance chegando ao espaço portando uma mochila cheia nas costas. Coloca-a no chão e começo a tirar os materiais aos poucos. Primeiro tiro duas rodas de madeira (imbuia) com um furo no meio, depois um pedaço de couro vermelho, uma régua, cordas de borracha, um lápis, um grampeador. Começo a prender as rodas de madeira nos meus pés amarrando com a corda de borracha. Depois grampeio o couro vermelho na madeira, em volta de seus pés. Com uma régua faço marcações sobre o couro e depois tiro uma furadeira da mochila e uma broca para parede grande e faço furos na madeira. Após mais ou menos 1 hora tentando furar a madeira, tiro rodas grandes e as fixo nos meus pés utilizando parafusos. São 3 rodas por pé e utilizo somente 1 parafuso para fixar na madeira. Faço essa última ação sentado em um pequeno banco. As rodas em meus pés ficam soltas, girando e, assim, tento ficar em pé sobre as rodas. Após diversas tentativas, a performance acaba quando uma pessoa do público me ajuda a ficar em pé.

Sobre a performance

Essa performance é sobre a sabedoria prática, o conhecimento prático, ou seja, o que sabemos e o que não sabemos fazer. Também é sobre a gambiarra, ou seja, o que não sabemos fazer mas inventamos um modo de fazer. Ou, conforme uma pessoa do público presente à ação: a performance é sobre como fazer tudo errado. O objetivo é muito simples: criar algo como um patins, mas o processo de criação e realização é totalmente caótico.



Lauro Borges



Lauro Borges



Lauro Borges



Lauro Borges

Sobre o Não-simbólico | 2016

Ano de Criação: 2015

Número de execuções: 3

Local: p.ARTE #28 – Curitiba, Brasil | La Plataformance Festival – São Paulo, Brasil | Bienal do Pilarzinho

Tempo de duração: 2 hora

Descrição da Ação

Entro no espaço carregando uma maleta prateada. Tiro os sapatos e meias deixando-os em um canto. O conteúdo da maleta só é revelado quando eu a abro. Ela está repleta de velas, sendo 6 velas de 7 dias e 40 velas normais. Todas da cor marrom. Tira as velas de 7 dias, faço uma fileira com elas, colocando-as lado a lado e as acendo. Depois, construo uma torre com essas velas, fixando uma em cima da outra. Para isso utilizo uma vela comum para ajudar. Por fim, coloco a vela comum na ponta superior da torre. Após contruído a torre, pego de 4 a 6 velas por mão na maleta e as acendo com o fogo da torre. Após as velas acesas, as derreto sobre os seus pés. Derreto as velas até o momento em que consigo segurá-las e logo após as jogo acesas no chão. Em seguida, pego mais velas na maleta e volto a derretê-las em meus pés. Repito essa ação até acabar com as velas da maleta e estar com o pé coberto de cera marrom. Com as últimas velas, apago a vela acesa na torre derretendo-a. Com as velas apagadas, levemente retiro os pés da cera derretida, deixando o molde deles no chão.

Sobre a performance

Meu trabalho com performance sempre esteve focado em questões práticas como o agir, o fazer, o saber-fazer. Quando criei a performance Eu Prometo, de 2011, os elementos com que trabalhei entraram no trabalho devido a necessidades práticas. No fim, percebi que eram elementos extremamente simbólicos – a água quente, o gelo, as pétalas etc.

Este trabalho surgiu exatamente da reflexão sobre o uso de elementos de grande potencial simbólico, contudo, sem explorar sua simbologia. Por isso a escolha da vela e do fogo. O trabalho não é sobre a luz e nem sobre algo religioso ou espiritual. Ele é sobre ir além da simbologia. E é com a ação, com o construir, com o manipular e alterar a matéria que consigo extrair a simbologia desses elementos buscando explorar novos sentidos e significados que possa possuir.

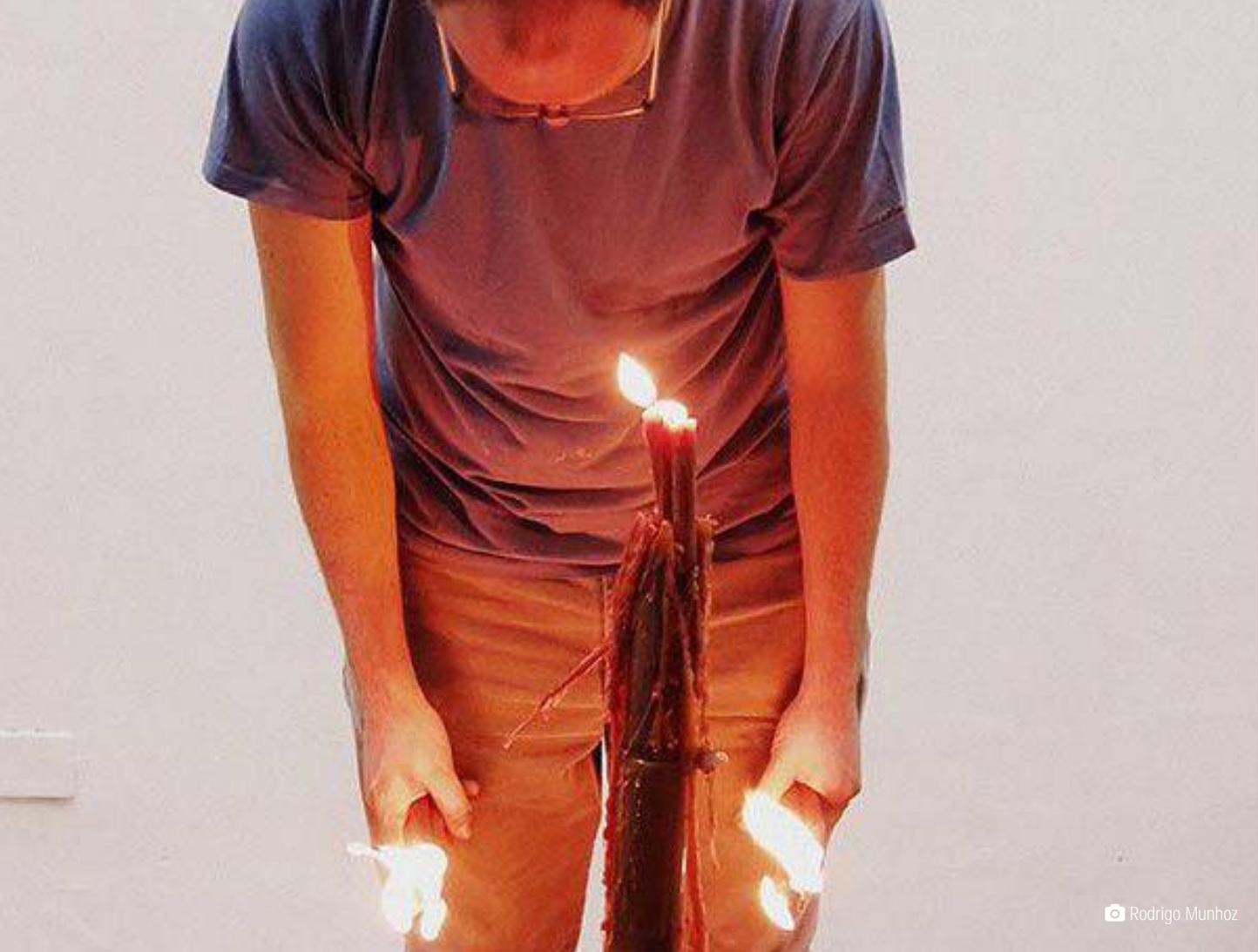
Sobre o Não-simbólico

| 2016

São Paulo | Brasil

📷 Rodrigo Munhoz





Trilogia do Tempo: Passado | 2016

Ano de Criação: 2016

Execução única.

Local: Poéticas do Corpo – AT AL 609, Campinas, Brasi

Tempo de duração: 1 hora

Descrição da Ação

Em uma sala, uma instalação montada. Ao fundo, a projeção de um vídeo se perde em um amontoado feito de tule branco. Do lado barbantes esticados na parede formam algo como um varal. No canto uma cadeira. Entro no espaço com uma máquina de escrever. Sento na cadeira e escrevo uma folha numerada afirmando que iria lembrar minhas memórias. Penduro a folha no varal e pego as demais folhas datilografadas escritas nos últimos dias e começo a ler. Após cada folha lida a fixo no varal

Sobre a performance

Inspirada na Aporia do Tempo de Santo Agostinho, a trilogia do tempo explora as impressões do tempo na alma. A impressão do passado, neste caso, é a memória. Este trabalho surgiu na residência artística promovida pela ATAL 609 em São Sebastião, São Paulo. As páginas escritas, datilografadas, eram sobre minhas memórias da vivência que tive em cada dia da residência. Eu nunca escrevia imediatamente após os eventos e nem nos momentos. Às vezes ficava um ou dois dias para escrever e geralmente o fazia antes de ir dormir. O vídeo que faz parte da instalação era composto de imagens e sons que capitei durante a minha estadia





Amálgama I 2016

Ano de Criação: 2016

Número de execuções: 2

Local: Diretriz Arte Contemporânea – Curitiba, Brazil

Tempo de duração: 1 hora

Descrição da Ação

Chego na galeria com uma grande mala de viagem. Abro-a e tiro uma banqueta pequena. Depois tiro uma folha de papel manteiga e forro o chão. Sento na cadeira, tiro uma bacia branca, um pedaço de cera de abelha e um ralador. Com a bacia em meu colo começa a ralar a cera na bacia. Quando um dos lados da pedra de cera fica liso, começo a ralar outro lado. Faço essa ação até conseguir deixar todos os lados retos, com poucas imperfeições. Coloco a cera no papel manteiga e retiro da mala uma extensão elétrica com um bocal de lâmpada na ponta. Após ligar a extensão na energia, retiro uma lâmpada de grande potência da mala e a ligo na extensão. Em pé, com a bacia logo abaixo de mim, pego um pequeno monte de cera de abelha ralada e com a outra mão seguro a extensão com a lâmpada colocando-a sobre a cera. Com o calor da lâmpada, o monte ralado derrete em minha mão, escorrendo cera líquida entre meus dedos e caindo da bacia. Após derreter quase toda a cera, eu levo a mão em meu rosto esfregando o que sobrou em minha face e finalizando a performance.





Sobre a performance

Quando a galeria Diretriz Arte Contemporânea me convidou para fazer uma performance em seu espaço trouxe-me questões sobre a limitação do espaço. A galeria fica dentro de um shopping de Curitiba e devido a isso possui diversas regras do shopping. Por exemplo, não é possível fazer barulho, nem usar fogo, nem destruir algo, nem sujar o chão etc. Digamos que meu campo de ação estava um pouco limitado.

Então, criei Amálgama, uma performance que aparentemente era contida e que se adequava aos limites exigidos do espaço. Assim como diversos dos meus trabalhos recentes, trabalhei com uma mala contendo todo o material e que só é revelado na hora da ação. A escolha da cera de abelha deve-se a sua natureza, dura e rígida como o espaço mas que pode ser volátil conforme o seu uso. Outro motivo foi o cheiro, elemento que já tinha trabalhado na performance Eu Prometo de 2011. Para mim, o manipular a cera de abelha era também manipular o espaço, mostrar como é possível mudar sua forma, ampliar suas possibilidades. Com a não possibilidade de se trabalhar com fogo, resolvi trabalhar com uma lâmpada de alta potência e que emanava calor suficiente para derreter a cera ralada. Mais do que mudar somente a matéria, eu alterava a sensação no espaço com o cheiro que surgia ao derreter a cera.

Eu e o Público | 2011

Vitória | Brasil

📷 Sérgio Prucoli/Trampolim



Marcelo Elias



Marcelo Elias



Marcelo Elias



Marcelo Elias

Sobre o olhar estrangeiro | 2016

Ano de Criação: 2016

Execução única.

Local: Curto Circuito de Performance — Chapecó/SC

Tempo de duração: 2 hora

Descrição da Ação

Carregando uma grande bolsa preta de viagem e uma escada de alumínio, páro na frente da obra O Desbravador, no centro de Chapecó. Da mala ele retiro uma bússola, um telescópio e um megafone. Subo na escada e com o telescópio começo a olhar para a estátua e a narrar com o megafone o que vejo nela. Logo após aponto o telescópio para o sentido a frente da estátua e narro o que vejo e, por fim, aponto o telescópio no sentido da cabeça do Desbravador e narro o que a estatua estaria vendo. Sempre me orientando com a bússola.

Após essa primeira narrativa, guardo todos os materiais dentro da bolsa, pego a escada e me afasta da estátua O Desbravador, andando uma quadra pela avenida Getúlio Dorneles Vargas. Na quadra seguinte, novamente monto a escada, pego a bússola, telescópio e megafone. Aponta o telescópio para a estátua, ajusto o foco e começo a narrar no megafone o que estou vendo. Aponto o telescópio no sentido contrário e começo a narrar o que estaria na frente da estátua se ela estivesse naquele lugar. E, por fim, me orientando com a bússola, narro o que a estátua estaria vendo se estivesse naquele local. Guardo todo material, afasto-me mais uma quadra da estátua e repito as mesmas ações. A performance acaba quando me afasto o bastante que não consigo mais ver a estátua do Desbravador devido a geografia do local.





Sobre a performance

Como o próprio nome diz, esse trabalho é sobre o olhar estrangeiro. O olhar estranho de uma pessoa que não é familiarizada com um local. Esta foi minha primeira vez em Chapecó, oeste de Santa Catarina. Quando fui convidado para fazer uma performance em espaço público na cidade, pelo Curto-circuito de Performance, percebi o quão limitado era meu conhecimento sobre a região.

Em minha pesquisa encontrei obra O Desbravador, estátua monumental erguida no centro da cidade. E decidi que o trabalho partiria da minha relação como estrangeiro em relação a estátua, que também simboliza um estrangeiro e conquistador daquela região.

Deste modo, busquei trabalhar a relação de distância, proximidade, do olhar e utilizar a narração falada como meio de exprimir essa relação. Ao mesmo tempo que me referia a estátua também colocava-me no lugar dela.







Trilogia do Tempo: Futuro | 2016

Ano de Criação: 2016

Número de execuções: 2

Local: MIP3 – Manifestação Internacional de Performance — Belo

Horizonte | Curitiba

Tempo de duração: 1 hora

Descrição da Ação

Em uma sala há um espelho de 1 x 1,75m encostado na parede. Entro na sala carregando uma case de madeira de 1,5m de comprimento. Páro na frente do espelho. Coloco a case no chão e a abro. Dentro há um arco, diversas flechas, uma luva, um protetor de braço, pó de magnésio e um despertador de cordas dourado. Eu pego o despertador, dou corda, ajusto o horário e programa para despertar. Coloco-o na boca, segurando a aste com os dentes e com o visor virado para meu queixo. Passo o pó de magnésio em minhas mãos. Coloco a luva e o protetor de braço. Armo o arco, pego uma flecha, coloco-a no arco e armo para lançá-la. Sempre com o despertador em minha boca. Fico com a flecha tensionada no arco o máximo que consigo. Quando não aguento mais, desarmo o arco, dou dois passos para trás, me afastando do espelho e armo o arco novamente. Fico novamente segurando a flecha até não conseguir mais. Dou mais dois passos para trás. Fico repetindo essa ação de armar o arco, mirar no espelho, tensionar até não aguentar mais. A distância máxima que chego é de mais ou menos uns 15 metros, onde ainda consigo me ver no espelho. Continuo armando o arco, mirando no espelho, segurando a flecha até não conseguir mais. Sempre com o despertador na boca. Somente após o despertador tocar que eu solto a flecha.



Sobre a performance

Inspirada na Aporia do Tempo de Santo Agostinho, a Trilogia do Tempo é uma série de trabalhos que explora as impressões do tempo na alma, ou seja, a memória, a atenção ao presente e a expectativa.

Na Trilogia do Tempo: Futuro, direcionei-me a exploração da expectativa. A ação é simples, lançar uma flecha contra um espelho. Contudo, o trabalho explora exatamente a expectativa que se cria na experiência do tempo a partir da ação. Este é um dos poucos trabalhos meus em que o tempo é previsto – quando acerto o despertador tenho uma idéia de horário e o tempo de despertar. Mas a experiência do tempo se alarga com a repetição de armar o arco e mirar no espelho assim como com a deterioração do corpo nesse processo. No final da performance, eu quase não conseguia esticar o braço e armar o arco. E por mais que o espelho fosse grande e eu estivesse mirando nele, errei o alvo.



Flávio Ribeiro



Flávio Ribeiro



Flávio Ribeiro



Flávio Ribeiro

Distentio Anime | 2018

Ano de Criação: 2018

Número de execuções: 2

Local: Goethe na Vila — Vila Itororó, São Paulo

Exposição Cada Vez Mais Perto — Curitiba, Paraná

Tempo de duração: 1 mês de performance

Descrição da Ação

Durante um mês de performance, Fernando Ribeiro produz tijolos de gesso com os quais se propõe a construir um labirinto. Na Vila Itororó o artista ficou em performance durante 8 a 11 horas por dia. Na exposição Cada Vez Mais Perto foram de 4 a 6 horas por dia. Além de produzir os tijolos de gesso, o artista também fazia um café e oferecia para as pessoas presentes à ação.

Sobre a performance

Essa performance é inspirada na aporia do tempo de Santo Agostinho. Para o filósofo, o tempo se distende na alma, ou seja, é na alma que passado, presente e futuro estão conectados e distendidos — na distensão da alma (*distentio animi*).

Devido a sua natureza duracional, o produzir tijolos, o estar presente e o construir o labirinto se tornam impressões deste tempo. Os tijolos que dia-a-dia são empilhados após sua produção se tornam rastros do passado. A minha presença em ação reforça a atenção ao presente e a construção do labirinto se direciona como a expectativa do futuro.

A performance também explora a relação da vivência temporal e do desenvolvimento de um trabalho braçal e, por sua vez, de uma obra. É uma dos meus poucos trabalhos em que há uma relação direta com as pessoas, com o público, muito construído pela presença do café na obra.



© Chai Rodrigues



© Chai Rodrigues





Exibições

- 2018 • Exposição Cada Vez Mais Perto, Curitiba, PR. Performance Distentio Anime com duração de 1 mês. Junho de 2018.
 - Goethe na Vila, São Paulo, SP. Performance Distentio Anime com duração de 1 mês. Maio de 2018.
- 2017 • Temporada de Performance/p.ARTE #36. Performance Trilogia do Tempo: Futuro. Executada no dia 6 de dezembro de 2017.
 - Performance Trilogia do Tempo: Futuro. Realizada no antigo prédio da imprensa do campus Juvevê da UFPR. Executada no dia 27 de outubro de 2017.
 - Corpus Urbis. Participação com a vídeo performance Monotipando. Macapá, Amapá.
 - Bienal do Pilarzinho, Curitiba. Execução da performance Sobre o não-simbólico.
- 2016 • MIP3 – Manifestação Internacional de Performance, Belo Horizonte. Apresentação da performance Trilogia do Tempo: Futuro no dia 5 de agosto de 2016.
 - Exposição Intensidades Sensíveis, Galeria Diretriz Arte Contemporânea, Curitiba. Performance Amálgama, dia 8 de julho de 2016.
 - Festival La Plataformance, Cananéia-São Paulo. Participação em residência e apresentação da performance Sobre o não-simbólico. Abril-Maio, 2016.
 - Poéticas do Corpo, São Sebastião-Campinas. Residência e performance Trilogia do Tempo: Passado. 25.02 a 03.03.2016.
 - p.ARTE #28. Performance Sobre o não-simbólico na 28ª edição da p.ARTE no dia 8 de abril de 2016. Curitiba, PR.
- 2015 • p.ARTE #25. Execução de performance Saber-Como na 25ª edição da p.ARTE no dia 25 de setembro de 2015. Curitiba, PR.
 - Virada Cultural Sesc Palladium. Execução da performance O Datilógrafo nos dias 12 e 13 de setembro.
 - Paralelo 31 – Reverberações da Arte Contemporânea em Pelotas. Execução das performances Dialética do Corpo e Espaço 2 e Eu Prometo. Julho de 2015.



- 2015 • Atos em Ações 2. Campinas, SP. Execução da performance Eu Prometo! no dia 22 de junho de 2015.
- TERRA COMUNAL – Marina Abramovic + MAI | Participação com a performance O Datilógrafo – Curadoria de Marina Abramovic. Foram 2 meses, de 9.03 a 10.05.2015, contabilizando 414 horas de performance.
- 2014 • Performance no Memorial. Memorial Minas Gerais Vale. Belo Horizonte, MG. Execução da performance Eu Prometo! no dia 23 de agosto de 2014.
- II Mostra de Artes Performativas do Sesc Paço da Liberdade. Curitiba, PR. Execução da performance Dialética do Corpo e Espaço no dia 19 de agosto de 2014.
 - Linguada – Mostra de Artes. Selvática Ações Selvagens. Curitiba, PR. Execução da performance Rastros no dia 9 de julho de 2014.
 - Independência: Quem troca? Curitiba, PR. Execução da performance Contínuo no dia 22 de maio de 2014.
 - Mostra Performatus #1. São Paulo/SP. Execução da performance Eu prometo! no dia 5 de abril de 2014.
- 2013 • Circuito Bode Arte: Corpos Ausentes. Natal/RN. Dezembro, 2013.
- Tijução Cultural – Execução da performance Articulação no dia 8 de novembro de 2013.
 - p.ARTE/EXPERIMENTA – Execução da performance Esforço no dia 8 de novembro de 2013.
 - p.ARTE #13 – Execução da performance Articulação no dia 20 de setembro de 2013.
 - Miami Performance International Festival – Miami/FL – EUA. Execução da performance Eu e o Público e Eu Prometo! Palestra sobre p.ARTE – Mostra de Performance Art.
 - Performance Potência. In: Danças Contemporâneas, MON – Museu Oscar Niemeyer, Curitiba/PR.
 - Performance Corpo Política – Brasília. Execução da performance Eu e o Público e palestra sobre p.ARTE – Mostra de Performance Art.
- 2012 • Coletiva Ybakatu – Ybakatu Espaço de Arte. Execução da performance Esforço no dia 25 de agosto de 2012.
- Performeios – Espaço Tardanza – Curitiba, Brasil. Execução da performance Eu prometo! no dia 26 de julho de 2012.
 - p.ARTE – Mostra de Performance Art – Curitiba, Brasil. Execução da performance Eu prometo! no dia 11 de maio de 2012.
 - 4to Encuentro de Acción en Vivo y Diferido – Bogotá, Colômbia, 2012. Registro da performance Tradição e Inovação.



Distensão | 2010
Ato Performático
Sesc da Esquina
Curitiba | Brasil
Flávio Ribeiro

- 2012 • Grace Exhibition Space – Nova Iorque, Estados Unidos. Execução da performance Esforço no dia 20 de abril de 2012.
- Mobius, Inc – Boston, Estados Unidos. Execução da performance Eu prometo! no dia 17 de abril de 2012.
- Defibrillator Performance Art Gallery – Chicago, Estados Unidos. Execução da performance Esforços em dois dias: 05 e 06 de abril de 2012.
- 2011 • Urbe-Brote Urbano – Buenos Aires, Argentina. Registro performance Esforço.
- 1º Itajaí Arte e Mídia: Festival de Performances Multimídia
- Ocupações Performáticas. Cafofo do Couve-Flor, Curitiba/PR. Execução da performance Esforço no dia 29.08.2011.
- Direct Action 2011 at CAZ – Mostra de Vídeos de performance. Londres, Inglaterra.
 - Registro da performance Distensão.
 - Videoperformance Monotipando.
- Direct Action 2011 at Konnektor – Mostra de Vídeos de performance. Hannover, Alemanha.
 - Registro da performance Distensão.
 - Videoperformance Monotipando.
- Direct Action 2011 – Mostra de Vídeos de performance. Berlim, Alemanha.
- Performa Paço. Performance Distensão. Paço das Artes. São Paulo/SP
- Performance Tradição e Inovação. Executada no dia 16 de maio de 2011 no Parque Tingüi. Curitiba/PR
- Festival Performance Arte Brasil – Video-performance Monotipando. Curadoria de Paulo Reis
- 2011 • Trampolim_ – plataforma de encontro com a arte da performance. Vitória / ES.
 - 16.02.2011 – Performance Eu prometo!
 - 18.02.2011 – Performance Eu e o Público.
- 2010 • Ato Performático – Sesc da Esquina – Curitiba/Paraná. Execução da performance Distensão.



Jogando Xadrez | 2013
com Washigton Silvera
Boca Maldita
Curitiba | Brasil
📷 Lauro Borges

- 2009 • O Corpo na Cidade: Performance em Curitiba. Exposição sobre a história da performance art na cidade de Curitiba. Curadoria de Paulo Reis. – Centro Cultural Solar do Barão – Curitiba – Paraná.
- Performance Eu e o Público – Lançamento da Revista OCO. Contemporâneo Espaço de Performance - Florianópolis/SC – 04.12.2009.
- Performance O Datilógrafo – Performance apresentada durante os dias 07 a 09 de outubro de 2009. A performance ocupou os mais diversos espaços do SESC da Esquina, Curitiba/PR.
- 2006 • Performance Eu e o Público – Praça da Sé – Salvador/BA
- 2005 • PERFORM_lpa / Palácio Cruz e Souza – Florianópolis/SC
- Vrs. Dois (Pinturas Monotipadas) – Sesc Água Verde, Curitiba/PR
- 2004 • Retrovisor – Casa Hoffman – Curitiba – Paraná
- Continuum – Arte & Tecnologia Mostra Internacional de Arte Digital – 05 a 07.08.2004
 - Música Eletrônica – os três dias
 - Performance Eu e o Público 05.08.2004 e 07.08.2004
 - Ocupação Performance Rave – Casa Hoffman – Curitiba – Paraná
- Eu e o Público – Galeria Adalice Araújo, Curitiba/PR
- 2003 • MIP – Manifestação Internacional de Performance Belo Horizonte – Minas Gerais
 - 19.08.2003 – Performance Eu e o Público
 - 21.08.2003 – Performance Sem título (performance-pintura-monotipia)
- Intervento – Instalação e Performance – Era só o que Faltava, Curitiba / PR
- 2002 • Poéticas Visuais – Museu Metropolitano de Arte – Centro Cultural do Portão Curitiba – Paraná
- Vrs.dois – Pinturas – Casa da Praça, Castro/PR
- Performance Sem Título/Untitled – Encerramento da 9ª Semana de Arte da Universidade Tuiuti do Paraná
- Pingüins – James Bar – Curitiba/PR
- 2001 • "Pinturas Monotipadas" Casa da Cultura Emilia Erichsen, Castro/PR
- Performance Sem Título/Untitled – Birinight's Bar – 23.06.2001



Curadoria

2017-2018

- Curador de performance art na Bienal Internacional de Curitiba 2017–2018.

2012–2017

- p.ARTE – Mostra de Performance Art. Único evento mensal dedicado exclusivamente a performance art no Brasil. Ocorre em Curitiba.

2016 • MIP3 – Manifestação Internacional de Performance, Belo Horizonte.

2015 • Curador da 3ª edição do projeto CCBB Música.Performance que ocorreu no dia 3 de outubro de 2015 no Centro Cultural Banco do Brasil – São Paulo.

- Bienal Internacional de Curitiba 2015, curador da semana de performance.

2013 • Curador convidado – Bienal Internacional de Curitiba 2013, sendo responsável pela curadoria de performance art.

Formação Acadêmica

2010 • Especialista em Estética e Filosofia da Arte – UFPR

2002 • Bacharel em Artes Visuais com Ênfase em Computação na Universidade Tuiuti do Paraná.

Palestras e oficinas

2015 • Participação em mesa redonda no evento Pão na Mesa, com a temática "A inclusão do público na produção da obra de arte".

2014 • Ministrou o workshop Entre o corpo e o espaço na FAP – Faculdade de Artes do Paraná. 12 horas.

2012 • V Simpósio da Licenciatura de Artes Visuais da FAP – Faculdade de Artes do Paraná. Conversa com Artista.

2012 • Ministrou o workshop Entre o corpo e o espaço: a ação. 1ª Semana Acadêmica do Departamento de Artes Visuais – DEARTES – UFPR

2010 • Ministrou o workshop sobre Performance Art no SESC Paraná – Paço da Liberdade, Curitiba/PR. Carga horária de 9 horas.

2008 • Ministrou o curso "O Corpo e o Espaço: uma introdução a performance", com duração de 4 meses, no Solar do Barão, Curitiba/PR.



- 2007 • Ministrou o curso "O Corpo e o Espaço: uma introdução a performance", com duração de 4 meses, no Solar do Barão, Curitiba/PR.
- 2003 • Ministrou a oficina "O Corpo e o Espaço: uma introdução a performance", junto com a artista Carla Vendrami, na X Semana de Artes Visuais da Universidade Tuiuti do Paraná
- 2002 • Ministrou a palestra "Performance Art" para o Núcleo de Pesquisa em Teatro da FAP – Faculdade de Artes do Paraná
- 2001 • Ministrou a palestra "Performance Art" para o Semana de Arte do curso de Artes Visuais da UTP – Universidade Tuiuti do Paraná.

O Datilógrafo | 2015
TERRA COMUNAL — Marina
Abramovic + MAI
São Paulo | Brasil
📷 Victor Nomoto by FLAGCX.



Na Mídia

Publicações em mídia impressa ou digital sobre Fernando Ribeiro.

Rastros | 2014
Performance como Linguada
Selvática Ações Artísticas
Curitiba | Brasil
📷 Lauro Borges

[ir para o conteúdo](#) [ir para o menu](#) [ir para a busca](#) [ir para o rodapé](#)

[ACESSIBILIDADE](#) [ALTO CONTRASTE](#) [MAPA DO SITE](#)

[Página Inicial](#) [Intranet](#) [Webmail](#) [Comunicação](#) [Como Conhecer](#)

Universidade Federal do Paraná

[A Universidade](#) [Ensino](#) [Pesquisa e Inovação](#) [Extensão e Cultura](#) [Vestibular e Concursos](#) [Serviços](#) [Acesso à Informação](#) [Ouvidoria](#)

Extensão e Cultura

Últimas notícias...

- Festival de Inverno encerra programação com carnaval fora de época
- Filarmônica Orquestra Show embaixou penúltima noite do Festival de Inverno em Antonina
- Grupo Mulamba, música instrumental e comédia agitaram Antonina no sexto dia de espetáculos
- "Grande Circo Trapizonga" traz manionetes e alegria para a praça no Festival de Inverno
- Festival de Inverno finaliza oficinas nesta sexta-feira; apresentações serão no sábado

Tempo é tema de performance no campus de comunicação da UFPR

[Superintendência de Comunicação Social](#) | 24 de outubro de 2017 - 15:45

[Like](#) [Tweet](#) [+](#)

Na próxima sexta-feira (27) o Campus Juvevê da UFPR recebe a performance "Trilogia do tempo: futuro" de Fernando Ribeiro. A apresentação que acontece às 19h30 no Antigo prédio da Imprensa Universitária, é inspirada na Aporia do Tempo de Santo Agostinho. A série de trabalhos explora as impressões do tempo na alma, a memória, a atenção ao presente e a expectativa.



Histórico de notícias

NOTÍCIAS

VOLTAR PARA
NOTÍCIAS**Referência em performance art, Fernando Ribeiro
apresenta trabalho inédito em Curitiba**

*O artista exhibe a performance Amálgama, no dia 8 de julho, na
Diretriz Arte Contemporânea*



Curitiba, 5/7/16 – No dia 8 de julho, às 19h, um dos artistas mais emblemáticos da arte performática brasileira, Fernando Ribeiro, apresenta a performance Amálgama, em Curitiba, a convite da Diretriz Arte Contemporânea. Inédito, o trabalho foi criado exclusivamente para a galeria.

Entre os trabalhos mais importantes de Fernando Ribeiro está a participação na exposição "Terra Comunal – Marina Abramovic + MAI", onde incorporou a performance "O datilógrafo", que aconteceu em São Paulo (SP), em 2015.

Como curador, Ribeiro organiza o p.Arte – Mostra de Performance Art, evento mensal dedicado exclusivamente a



VISUAIS

Marina Abramovic escolhe artistas curitibanos

Dois nomes locais foram selecionados pela sérvia, figura mundial da *performance art*, para participar de uma mostra retrospectiva em SP

23/02/2015 | 17h49 | [Isadora Rupp](#)

Representante maior da arte performática, Marina Abramovic esteve em Curitiba no fim de 2013. Sua passagem por aqui foi sem alarde: provavelmente, ela não pegou o Interbairros II como Nick Cave, nem deu uma “canja” no Gato Preto, como o cantor Julio Iglesias. Mas veio à capital paranaense para entrevistar um xamã da cidade, para um documentário sobre espiritualidade e energia.

Além do material para seu filme (que deve estrear neste ano), assistiu ao vivo a uma performance de Maikon K, nos fundos do Museu Oscar Niemeyer (MON). Ele e o também curitibano Fernando Ribeiro fazem parte de um grupo de oito artistas selecionados pela sérvia no início de 2014 para integrar a exposição *Terra Comunal – Marina Abramovic + MAI*, que inaugura no dia 11 de março no Sesc Pompeia, em São Paulo.

“Depois da apresentação, ela perguntou se eu poderia fazer o trabalho por mais horas, e me deu esse desafio de transformar a obra”, conta Maikon K. A performance *DNA de DAN* acontecerá dentro de um ambiente plástico transparente, em uma área externa nos fundos do Sesc.

O público poderá entrar no espaço e observar o performer que, imóvel, “transformará” o seu corpo com uma

substância líquida que criará uma espécie de segunda pele. A pesquisa para esse trabalho, explica Maikon, partiu de uma simbologia da serpente africana, e de sua relação com a estrutura em espiral da molécula de DNA. “Muitos enxergam DAN como a origem da vida e o conhecimento. Parto desse tema, com uma leitura bem pessoal.”

Vai ser a primeira vez que o artista, de 32 anos, se apresentará fora de Curitiba. *DNA de DAN* ficará por quatro dias em cartaz (10,12,13 e 14 de março), durante cinco horas diárias.

SERVIÇO

Terra Comunal

Sesc Pompeia (Rua Clélia, 93 – Pompeia, São Paulo), (11) 3871-7700. A partir de 11 de março. De 3ª a sáb, das 10h às 21h. Dom, das 10h às 18h. Entrada franca. Classificação indicativa: 12 anos. Até 10 de maio.

Remington

Fernando Ribeiro, um dos promotores da *performance art* no estado, curador da P.Arte – Mostra de Performance Art criada em 2012 com Tissa Valverde (eles fazem uma exibição mensal na Bicletaria Cultural), e também responsável pela área na Bienal Internacional de Curitiba 2015, ficará confinado no Sesc durante os dois meses da mostra de Marina. No período de trabalho – de oito horas diárias – ele vai datilografar em sua Remington 25

portátil, de seis quilos, em diversas áreas do Sesc Pompeia, na performance *O Datilógrafo*.

Apresentada originalmente em 2009 em Curitiba, no Sesc da Esquina, a “versão 2015” passou por algumas modificações. Além de transformá-lo em um trabalho duracional, a pegada desta vez é mais introspectiva.

“Em 2009, eu me relacionava mais com o público e expunha os textos nas paredes. Dessa vez, não vou me comunicar com as pessoas, somente através dos textos [um repositório guardará as páginas no espaço] e da máquina. Vou me fechar”, fala Fernando, que se preparou fisicamente com meses de antecedência, com a prática de natação e musculação, para evitar lesões causadas pelo movimento repetitivo.

Artista sérvia explora limites do corpo

Ao longo de dois meses, a unidade do Sesc Pompeia, em São Paulo, vai abrigar Terra Comunal – Marina Abramovic + MAI, exposição retrospectiva da artista sérvia radicada em Nova York, Marina Abramovic. Com a carreira iniciada na década de 1970, ela é considerada o grande nome da performance art no mundo e seu trabalho explora os limites do corpo e as

Seu maior desafio foi, justamente, fazer com que o trabalho durasse mais horas. A técnica de datilografar ele já domina há anos: fez vários cursos na adolescência e foi estagiário em uma escola.

“A Marina queria performance de longa duração, o que não é muito a minha praia. Nunca foi uma questão que coloquei pra mim, então é bacana essa provocação. Meu trabalho também tem relação com a ação, sempre. Então, eu precisava criar algo em que eu agisse oito horas por dia”, diz.

[Leia a matéria completa](#)

Antônio More/Gazeta do Povo



Fernando Ribeiro e sua Remington 25 portátil de seis quilos.

PERFIL

Artista sérvia explora limites do corpo humano

23/02/2015 | 17h49 | Isadora Rupp

Ao longo de dois meses, a unidade do Sesc Pompeia, em São Paulo, vai abrigar *Terra Comunal – Marina Abramovic + MAI*, exposição retrospectiva da artista sérvia radicada em Nova York, Marina Abramovic.

Com a carreira iniciada na década de 1970, ela é considerada o grande nome da *performance art* no mundo e seu trabalho explora os limites do corpo e as relações e possibilidades entre artista e plateia.

O projeto, que ocupará vários espaços do Sesc Pompeia entre 11 de março e 10 de maio, vai se dividir em duas partes.

A primeira, com curadoria do alemão Jochen Volz, da Serpentine Galleries, uma das mais importantes de Londres, traz três instalações de Marina.

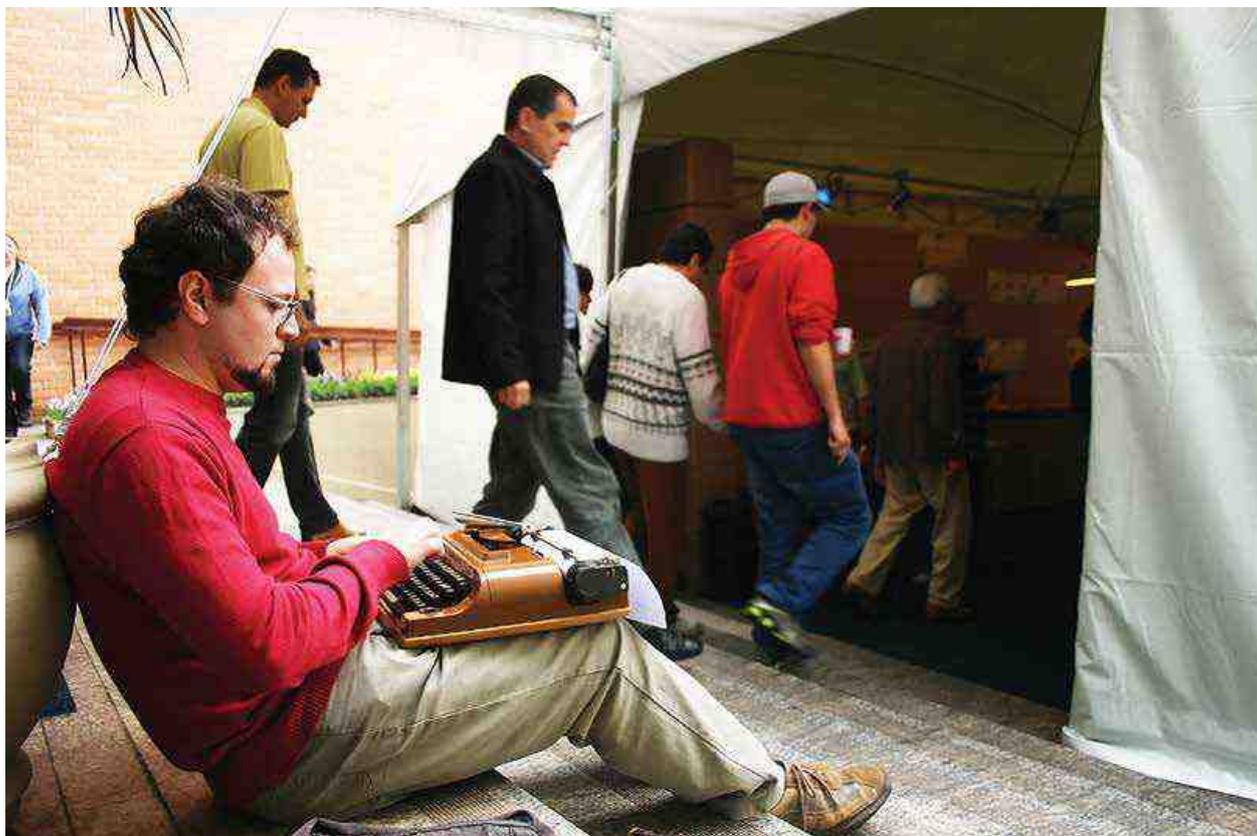
The House With the Ocean View (A Casa com Vista para o Mar) tem narrações da artista durante uma performance de 12 dias realizada em Nova York, em 2002.

Oito artistas brasileiros foram convidados por Marina Abramovic, Lynsey Peisinger e Paula Garcia para apresentar trabalhos autorais de longa duração, produzidos em consonância com as propostas do MAI (Marina Abramovic Institute). Depois de passarem por um processo junto à Abramovic, que trabalhou com cada artista, a Dasartes convidou Rubiane Maia e Fernando Ribeiro para falarem de seus trabalhos e do processo.

“Ao longo desses dois meses de exposição, estou percorrendo todo o Sesc Pompeia com minha máquina de escrever portátil, datilografando minhas impressões, meus pensamentos, meus sentimentos, minha vivência em toda esta *Terra comunal*. Não falo diretamente com o público, minha única via de expressão são as páginas escritas, que ficam à vista do público em um recipiente transparente. A vivência que tive com Marina Abramovic em uma residência artística, realizada poucos dias antes da exposição, foi de extrema importância para

me preparar para este trabalho de longa duração, que exige extrema concentração e equilíbrio – datilografo oito horas por dia, de terça-feira a domingo. Esse período que passamos com ela nos permitiu conhecê-la para além da imagem, para além da história. Conheci a pessoa por trás da artista extremamente profissional: divertida, com um ótimo senso de humor, generosa, atenciosa. Foi uma experiência intensa que continuará durante toda a exposição.”

FERNANDO RIBEIRO



31/08/2013 09h00 - Atualizado em 31/08/2013 09h21

Bienal Internacional de Curitiba reúne obras de 150 artistas do mundo todo

Evento começa neste sábado (31) e segue até dia 1º de dezembro.
Performances artísticas ganharam programação especial nesta edição.

Thais Kaniak
Do G1 PR

Comente agora 79 Recomendar 106



Obras do artista Laerte Ramos podem ser visitadas na Casa Andrade Muricy (Foto: Sortie Soluções Criativas / Divulgação)

Começa neste sábado (31) a Bienal Internacional de Curitiba, que completa 20 anos, e vai reunir obras de 150 artistas dos cinco continentes em mais de cem espaços da capital paranaense. Com curadoria geral dos críticos de arte Teixeira Coelho, do Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand (Masp), e Ticio Escobar, da Bienal de Valencia, o evento segue até o dia 1º de dezembro. As entradas para todas as exposições são gratuitas.

Arte urbana e performances artísticas ganham uma atenção especial nesta edição da Bienal – além de estarem cada vez mais fortes e presentes no cenário internacional, elas proporcionam um contato direto e imediato com a população. Sob a curadoria de Fernando Ribeiro, artistas vão apresentar trabalhos por meio de performances com a proposta de aproximar arte e comunidade.

"Eu acho que é papel de uma bienal trazer algo de novo e mostrar o que está acontecendo. Uma bienal tem que ser, de certo modo, um tanto quanto ousada para mostrar o que está acontecendo. Nesta edição, a Bienal de Curitiba teve um cuidado e uma atenção no movimento nacional, no crescimento da performance artística no Brasil. A quantidade de festivais desse tipo está crescendo no país, e os brasileiros estão indo para fora [do país] para mostrar o trabalho. Os cenários locais estão conectados. O pessoal da Bienal teve sensibilidade para ver isso e fazer uma programação especial para performances", relata Ribeiro.

Paraná

veja tudo sobre >

Homem é preso durante tentativa de estupro em Ponta Grossa, diz polícia

HÁ 1 HORA

Motorista de moto morre após bater contra máquina niveladora na PR-323

HÁ 1 HORA

Trânsito sofre alterações em torno do ginásio Moringão, em Londrina

HÁ 4 HORAS

**Congresso de Cidades Digitais em Cascavel está com...**

HÁ 4 HORAS

Brasil +

Pop & Arte +

Alemanha +

Argentina +

Buenos Aires +

Canadá +

China +

Coreia do Sul +

Curitiba +

Espanha +

Paraguai +

saiba mais

Primeira artista estrangeira chega a Curitiba para Bienal Internacional

'É um fenômeno', diz curitibana que vai participar de Bienal Internacional

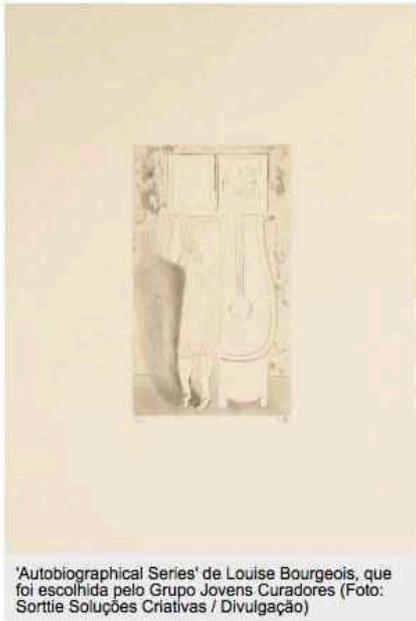
Bienal de Curitiba começa a ser montada no Museu Oscar Niemeyer

O curador explica que escolheu os artistas para as performances focando principalmente no público. "Fiz a seleção pensando nessa relação entre as pessoas e os espaços públicos. Para mim, como curador, esses artistas não fazem intervenção urbana. Eles fazem 'nascer' a obra nesse meio público, nesse cotidiano. A performance é levar a arte ali naquele cotidiano, naquele dia a dia, em que todo mundo passa e não percebe".

"É legal porque desperta curiosidade. Atinge um público tão amplo que não temos domínio de quem é. Performance não é só ver a arte, é estar vivendo", finaliza.

Jovens Curadores

Nesta edição, a Bienal instituiu o Grupo Jovens Curadores pensando na formação de novos profissionais. Os quatro jovens curadores do evento, coordenados por Stephanie Dahn Batista, escolheram artistas da **China, Suécia, Alemanha, Argentina, Espanha, África do Sul, Áustria, Canadá, Coreia do Sul** e, também, do Brasil para participar da Bienal.



'Autobiographical Series' de Louise Bourgeois, que foi escolhida pelo Grupo Jovens Curadores (Foto: Sortie Soluções Criativas / Divulgação)

A coordenadora curatorial conta que o coletivo substitui a figura tradicional do curador local. Apesar de ser alemã, Stephanie mora em Curitiba. "Nosso coletivo trabalha local, nacional e internacionalmente. Nosso trabalho não é só local. Olhamos para o Brasil e para o mundo. É uma grande conquista. A substituição [de um curador pelo grupo] é importante para discutir no novo âmbito. Acredito na força coletiva e não no 'gesto autoritário' de quem faz a seleção".

Vinte e quatro artistas foram vão expor sob a curadoria do grupo – 18 convidados e seis que já têm coleções em espaços expositivos na capital do **Paraná**. "Queremos valorizar essas coleções". A coordenadora explica que o nome do coletivo se deve ao fato de ser formado por iniciantes da carreira curatorial "com frescor no pensamento curatorial", já que não têm uma trajetória em bienais e grandes museus, conforme

Stephanie.

Entre as exposições sob os cuidados dos Jovens Curadores, Stephanie destaca o trabalho da **sul-coreana Young Joo Lee, que chegou a Curitiba em meados de agosto** e recebeu o convite de produzir uma obra com a influência da cidade. "Ela está escrevendo um livro digital, que será lançado no dia 6 de setembro, às 19h, no Musa [Museu de Arte da Universidade Federal do Paraná]". O Musa fica na na Rua XV de Novembro, nº 695, no Centro.

Outra indicação da coordenadora é uma exposição no Museu de Fotografia (Rua Presidente Carlos Cavalcanti, nº 533, no Centro). "Confrontamos o trabalho do austríaco Peter Kubelka, um dos primeiros artistas da vídeoarte experimental com o do Vladimir Kozák, que acompanhou expedições em tribos indígenas no Paraná e no Brasil". Nascido na República Tcheca em 1897, Kozák chegou ao Brasil no ano 1923, e passou a morar em Curitiba em 1938, filmando, fotografando e pintando os índios. "Juntamos os dois artistas no mesmo espaço".

Suécia +

São Paulo +

África do Sul +

Áustria +

GI primeira página

Veja desempenho de Dilma e Marina por renda e religião

Ibope mostra empate técnico, mas intenção de voto muda nas categorias.



Aécio quer corrigir 'falhas' no seguro-desemprego



Defesa de Cadu teme represálias em presidio



Delegado atirou para se proteger, diz advogada



Vídeo de gato jogado da janela provoca revolta

[veja todos os destaques >](#)



BOA TARDE ! - QUINTA, 04 DE SETEMBRO DE 2014

03
Out

Performances trazem interação entre público e artistas na Bienal Internacional de Curitiba 2013

MARIA AMIN NOTÍCIAS - EVENTOS

Texto..:

A partir do dia 5 de outubro, artistas de performance apresentam seus trabalhos na Bienal Internacional de Curitiba 2013 sob curadoria de Fernando Ribeiro.

É o caso da carioca Vivian Cáfaró, que com formação em teatro, dança e arte-educação, desenvolve uma pesquisa relacionada ao espaço da cidade por meio da cultura alternativa do parkour. Recontextualizando as práticas do parkour por meio da performance, o seu trabalho traça um novo olhar sobre o espaço urbano.

A reconhecida artista performática curitibana Margit Leisner estudou Artes Visuais com aprofundamento em Performance Arte, na F + F Schule für Kunst und Mediendesign (Zürich). Suas performances partem de ações simples e se direcionam para a ressignificação do cotidiano, do espaço e do tempo presente. Questões que cruzam a vida e a arte, mas que nem sempre são vistas em sua completude, surgem no mais sutil fazer da artista.

A japonesa Sakiko Yamaoka tem uma longa produção em performance art e um trabalho de relação com as pessoas. Desenvolve obras a partir de simples ações no espaço público, envolvendo, dialogando e relacionando-se diretamente com as pessoas. Questões relacionadas à migração e ao estrangeiro fazem parte de sua pesquisa e ganham um peso especial em sua primeira vez no Brasil. Na Bienal Internacional de Curitiba apresenta duas performances, além da mostra de vídeo Sculpture of Eye Contacts.

Marco Paulo Rolla irá apresentar a performance "Esmagamento Sensível", caminhando sob frutas e verduras, tocando um acordeon, em meio a uma sonorização no local. Este mineiro é um artista multimídia criador do CEIA - Centro de Experimentação e Informação de Arte e mestre em Artes (EBA-UFMG). Participou da programação de performance da 29ª Bienal de São Paulo (2010) e ganhou o Prêmio de Aquisição do Salão Nacional da FUNARTE-RJ e o Prêmio Edgard Gunther de Pintura (MAC-SP). Já participou de exposições coletivas no MAM-RJ, MAM-SP, Muu Gallery (Finlândia) e na Fondazione Pistoletto (Itália). Seus trabalhos encontram-se em coleções do Instituto Itaú cultural (SP), Museu de Arte da Pampulha (BH) e Centro cultural Inhotim (MG).

Patrocínio

A Prefeitura Municipal de Curitiba/Fundação cultural de Curitiba e o Banco Itaú apresentam a Bienal Internacional de Curitiba 2013, realizada por meio da Lei Federal de Incentivo à cultura do Ministério da cultura (Lei Rouanet). Esta edição também conta com o patrocínio Petrobras, BNDES, Votorantim Cimentos e Volvo, além da Copel e Sanepar, por meio da Conta cultura. Tem copatrocínio da Barigui Financeira e Construtora JL, além do apoio do Governo do Paraná/Secretaria de Estado da cultura, Sesi no Paraná e Sistema Fecomércio Sesc Senac PR.

Serviço:

Vivian Cáfaró
Dia: 5 de outubro - 13h30
Dia: 6 de outubro - 11h
Local: Praça 29 de março
Margit Leisner
Data: 6 de outubro
Horário: 15h
Local: Cinemateca de Curitiba (Rua Pres. Carlos Cavalcanti, 1174 I São Francisco)

Tudo que descomplica se reinventa e faz o mundo girar de maneira mais simples.
Simples como deve ser.

aplicativo móvel
Central do Corretor
BAIXE O APLICATIVO EXCLUSIVO PARA GESTÃO DE SUA CARTEIRA DE CLIENTES.

FRASE, MENSAGEM, PIADA.....:
Frases e mensagens relacionadas ao tema.

BUSCA SOMENTE NO SEGS.COM.BR....:
Pesquisa IR

Segs no Facebook

Anna Ramalho



06/10/2013 às 15h10

Performances na Bienal Internacional de Curitiba

A partir deste fim de semana, artistas de performance apresentam seus trabalhos na Bienal Internacional de Curitiba 2013 sob curadoria de Fernando Ribeiro.

É o caso da carioca Vivian Cáfaró, que com formação em teatro, dança e arte-educação, desenvolve uma pesquisa relacionada ao espaço da cidade por meio da cultura alternativa do parkour. Recontextualizando as práticas do parkour por meio da performance, o seu trabalho traça um novo olhar sobre o espaço urbano.



Além de Vivian, a curitibana Margit Leisner, a japonesa Sakiko Yamaoka e o mineiro Marco Paulo Rolla também irão se apresentar.

A carioca Vivian Cáfaró faz parte da programação de performances da bienal

Compartilhe: [Recomendar](#) 2 [g+](#) 0 [Share](#) [Tweet](#) 0

G

CADERNO

ARTES VISUAIS



DAQUI PARA FORA

Artistas para quem a arte não responde a outros países, quem quer a partir, indica reflexo cultural e internacional pela arte brasileira

deбаты

É difícil encontrar um artista brasileiro que não tenha participado de exposições internacionais. E isso não é apenas uma questão de prestígio, mas também de sobrevivência. A arte brasileira tem se desenvolvido através de exposições internacionais, e isso não é apenas uma questão de prestígio, mas também de sobrevivência.

Enviado a trabalhar e depois uma vez, mesmo que por pouco. É como um peixe fora d'água, mesmo que seja por pouco. É como um peixe fora d'água, mesmo que seja por pouco.

CONTEMPORANEIDADE

Bela Buzovitch volta para o Brasil de Paris

Parisiense de formação, Buzovitch voltou ao Brasil em 2004 para trabalhar no Museu de Arte de São Paulo. Ela é uma das artistas mais importantes da arte contemporânea brasileira.

Performance

Dois dias de performance em São Paulo

Dois dias de performance em São Paulo, com a participação de artistas locais e internacionais.



Bela Buzovitch em uma das performances em São Paulo.

Parvaneh Shayanloo em uma das performances em São Paulo, com a participação de artistas locais e internacionais.



Obra de Parvaneh Shayanloo em uma das performances em São Paulo, com a participação de artistas locais e internacionais.

Ministério da Cultura Apresenta

VIRSKY

BALÉ NACIONAL DA UCRAÍNA

Um show de técnica

Teatro Guaira - 13, 14 e 15 de abril

exposição



Artistas catanenses, do Paraná e de São Paulo apresentam suas propostas para a arte tecnológica na cidade de Itajaí até 16 de novembro.

Universo digital

Evento em Itajaí quer divulgar e discutir o uso de novas tecnologias dentro da arte

Com uma amplitude o 1º Itajaí Arte e Mídia. A cidade de Itajaí catanense será palco do evento que tem como objetivo principal mostrar que a tecnologia digital também pode ser usada para produzir arte, fugindo das formas tradicionais.

Como exemplo de que é possível produzir arte de maneira diferente, os organizadores apresentam produções de outros Estados, como São Paulo e Paraná, onde o movimento já é muito mais intenso.

Este tipo de arte ainda é pouco produzido em Santa Catarina. Porém, no Rio de Janeiro, as produções já estão mais avançadas – atinge um dos integrantes do Coletivo Tereza Margem e um dos organizadores do evento, Leonardo De Menezes.

Quem circular pelos espaços culturais de Itajaí, pode se deparar com instalações, performances e performances envolvendo computadores, celulares, câmeras de vídeo e film, que mesclam sons e imagens. Tudo isso, com os conceitos pensados pelos artistas, compõem esta nova modalidade de arte.

O Itajaí Arte e Mídia é um festival produzido por Coletivo Tereza Margem e Liga Produções Culturais. Já contemplado entre o Edital do Programa de Apoio a Eventos Culturais.

Comitê de Produção Cultural de Itajaí, e também o apoio cultural da GESC Itajaí. Toda programação é aberta ao público e gratuita.

Além de apresentar obras de vários artistas envolvidos em arte digital, a intenção é que o evento se torne um espaço para que os artistas se interessem em se conectar por esse novo mundo. Para isso, a programação (incluindo ao lado), conta com workshops, palestras e mesas-redondas de acordo ao público.

Na mesa-redonda, que ocorrerá das 14h às 16h, Carlos Trombeti falará sobre A Performance e as Novas Tecnologias. Além, performance e a palavra chave dentro da arte tecnológica, pois praticamente tudo depende da interação e da interação entre equipamento e artista. Para os workshops é necessário fazer a inscrição até hoje pelo e-mail coltivamos@itajai.org.br, com nome completo, endereço, cidade de origem e currículo resumido (ou dizer porque gostaria de participar do workshop).

Contato
 1º Itajaí Arte e Mídia - Em Itajaí, de amanhã até 16 de novembro. Contato: informações pelo site www.itajaiartemidia.com.br ou pelo telefone 3395-2230, com Leandro.



Programação

16 de 17h, no Sesc Itajaí
 ● Instalação Inelandscape - João - Juliana Mori
 ● Workshop: Tecnologias digitais de interação musical - Eduete

20h30min, no Fluxo Herólio Luz
 ● Performances
 ● Exposição Inelandscape - João - Juliana Mori
 ● Flores - Coletivo Tereza Margem (SC)

Domingo

16 de 17h, no Sesc Itajaí
 ● Instalação Inelandscape - João - Juliana Mori
 ● Workshop: Tecnologias digitais de interação musical

20h30min - Mesa Redonda com Carlos Trombeti (SC)
 ● Tema: A performance e as novas tecnologias

Segunda-feira

20h30min, no Moinho Milos
 ● Performance: Live Performance - Emmanuel Schmitt (SC)
 ● Equipes - MORA (Dorival Leizaola: Autêntica) (SP)

Terça-feira

16 de 17h, Sesc Itajaí
 ● Workshop Performance Multimídia - Coletivo Tereza Margem (SC)

20h30min, Itajaí Shopping
 ● Exibido - Fernando Pinheiro (SP)

Quarta-feira

16 de 17h, no Sesc Itajaí
 ● Workshop Performance Multimídia - Coletivo Tereza Margem (SC)

18h, no Unival Itajaí
 ● Apresentação de conteúdos do workshop

Imprimir

Versión para imprimir

ARTE Viernes 18 de noviembre de 2011 - 18/11/11 - 18:36

La avenida Corrientes, tomada por performers

Curado por Daniel Acosta y con punto de partida en el Centro Cultural de la Cooperación, más de 50 artistas de distintos países presentaron sus acciones en la típica "calle" porteña.

El jueves, más de 50 performers presentaron sus acciones en las veredas de la Avenida Corrientes. El evento, que tuvo su punto de partida en el Centro Cultural de la Cooperación, fue curado por el artista Daniel Acosta. Tomando el espacio público, espacio de todos, desde la poesía de la acción del cuerpo en acción. Urbe-Brote Urbano parte de la necesidad de resignificar la calle y ciertos espacios como punto de partida para accionar, dentro del concepto de inclusión e interpelación del entorno, reocupando el espacio cotidiano. Repensando crítica y poéticamente los vínculos, mensajes, lugares, códigos e ideas desde donde el arte vivo se liga, dinámicamente con la sociedad, las personas, el mundo, la naturaleza y sus elementos.

De las performances en vivo participaron:

Gabriela Alonso, Nelda Ramos, Gabriel Sasiambarrena, Calixto saucedo, Claudia Ruiz Herrera, Lucas Marín, Gabriel Montero, Gabriela Muollo, Paula Pinedo, Andrea Cardenas, Paloma y Daniel Acosta, Carlos Cualy Alegre, Javier Robledo, Aníbal Vallejos, Alberto Sarli, Andrea Trotta, Dora Ventosa y Andrea Perez, Luis Martinez, Marcelo Mangone. Mercedes Fianza, Gabriela Crespo, Marcus Vinicius (Brasil); George Sander y Eliza Moreira (Brasil).

Y se proyectaron videoperformances, con curaduría de Aidana Rico Chavez y Daniel Acosta, de los siguientes artistas: Mario Ortiz (Cali, Colombia), Joaquín Alonso (Santiago, Chile), Kevin Orellanes (Barquisimeto, Venezuela), Diego Aguilar (Bogota, Colombia), Renny Jidu Barrios Diquez (Los Teques, Venezuela), Erika Ordosgoitti (Caracas, Venezuela), Carlos Salazar Lermont (Caracas, Venezuela), Inti Pujol y José de Diego (La Plata, Argentina), Ignacio Pérez Pérez (Caracas, Venezuela), Fernando Ribeiro (Curitiba, Brasil), Carolina Montano (Rosario, Argentina), Soledad Sánchez Goldar (Rio Ceballo, Argentina), Carlos Monrroy (Bogota, Colombia), Paulo Nazareth (Minas, Brasil), Santiago Cao (Buenos Aires, Argentina), Andres Murillo (Bogota, Colombia)

Etiquetado como:

http://www.clarin.com/m/arte/avenida-corrientes-performers-daniel-acosta_0_593340899.html

Copyright 1996-2011 Clarín.com - All rights reserved - Directora Ernestina Herrera de Noble

Divulgação



VISUAIS

Fernando Ribeiro faz performance no Parque Tingui

■ Neste sábado (14), o artista performático e DJ curitibano Fernando Ribeiro realiza uma performance no Parque Tingui, com início às 15 horas, próximo às churrasqueiras e à ponte sobre o Rio Barigui, que dá acesso a Rua Valdivia Pereira Lima. Em caso de chuva, a ação pensada para ser desenvolvida exclusivamente em espaço público será transferida para outra data. Em fevereiro,

Ribeiro esteve em Vitória apresentando dois trabalhos de performance na 5.ª edição do evento Trampolim e no mês que vem ele participa da mostra Performa Paço, no Paço das Artes, em São Paulo, antes de abrir exposição individual no Museu de Arte Contemporânea do Paraná (MAC), no segundo semestre. Mais informações sobre o artista no site www.fernandoribeiro.art.br

Quinta-feira, 12 de maio de 2011

GAZETA DO POVO

Editor responsável: Paulo Camargo
cadernog@gazetadopovo.com.br

Veículo: O Estado de S. Paulo - SP - Online

Data: 06/06/2011

Editoria:

Página: 0

Produções põem corpo em destaque no Paço das Artes

06 de junho de 2011 | 11h 33

AE - Agência Estado

O **Paço das Artes** recebe, nos próximos dias 10 e 11, a primeira edição do Performa Paço, com produções relacionadas à performance e ao corpo, sob curadoria de Lucio Agra. No total, serão 11 apresentações de artistas brasileiros e venezuelanos, intercaladas com debates, para que o público entenda o processo de criação segundo os próprios criadores. Entre os participantes, estão os venezuelanos Ignacio Pérez Pérez e Aidana Rico Chávez e os brasileiros Fernando Ribeiro, Marília del Vecchio e Luísa Nóbrega. As apresentações e os debates são gratuitos. O **Paço das Artes** fica na Av. da Universidade, 1, na Cidade Universitária, em São Paulo. Mais informações no site www.pacodasartes.org.br. As informações são do jornal **O Estado de S. Paulo**.

Faixa Amarela - Performa Paço



Paço das Artes - Performa Paço

Projeto apresenta dois dias dedicados à performances, exposições e vídeos

Com curadoria de Lucio Agra, o evento Performa Paço - Ações Extremas traz apresentações que exploram os limites do corpo humano. Há três, além, ciclo de conversas entre artistas e público, exposição e mostra de vídeos. Todas as atividades são gratuitas e abertas ao público

O **Paço das Artes**, instituição da Secretaria do Estado da Cultura de São Paulo, realiza, nos dias 10 e 11 de junho, o evento Performa Paço. Concebido por Priscila Azeites, diretora técnica de instituições, o projeto procura trazer produções que se articulam com as questões da performance e do corpo. "Desde o ano passado, o **Paço das Artes** tem procurando abrir espaço às produções que distinguem com a performance, pois acreditamos que essa é uma linguagem extremamente importante para se entender as discussões que permeiam o contemporâneo", afirma o diretor.

Sob a curadoria de Lucio Agra, a primeira edição do Performa Paço está guiada na temática Ações Extremas, com performances que exploram os limites do corpo humano. O evento, que tem coprodução da Associação Brasil Performance, terá 12 apresentações de artistas brasileiros e venezuelanos instaladas com debates junto ao público - cujo objetivo é fazer com que os visitantes percebam o processo de criação pela visão dos próprios criadores.

Os artistas desafiarão suas capacidades físicas, produzindo atos que vão ao limite da fragilidade e do desconforto. A arte se articula a uma referência básica da fronteira da arte moderna brasileira - as Experiências do artista Flávio de Carvalho para discutir as várias escapações pelas quais a noção de ação extrema é manipulada na performance. O corpo esteticamente se sujeita à experiência limítrofe e, sucessivamente, coloca-se em situações de risco físico e de tensão, controladas com muito esforço. "A performance é uma linguagem artística que busca sempre essa fronteira não-frequada, lá onde os demais antes deixam de amarrar seus instrumentos de navegação", afirma o curador.

A proposta do evento é incentivar as apresentações, que se iniciam às 16h30 nos dois dias (e ocorrem no Espaço Subsolo da instituição), com debates entre os artistas e o público, os quais acontecem às 14h (horário superior). As conversas terão como moderadoras as jovens pesquisadoras Maira Valente e Juliana Rago, e o foco das discussões será sempre o tema do evento e a trajetória de cada artista. O objetivo dessas duas etapas complementares é possibilitar ao público imagem sobre o processo criativo quanto na execução das performances.

Paralelamente, haverá uma mostra contínua em mecânica de vídeos de performances que trabalham a poética proposta - cuja curadoria está a cargo de Lílian Amaral - e uma exposição das hiperperformances de Peter de Oña, artista que trabalha com a transformação do próprio corpo em figura médica.

"Com essa iniciativa, nossa intenção é entrar para o calendário dos eventos de performance em São Paulo e, ao mesmo tempo, abrir o Espaço Subsolo do **Paço das Artes** como um lugar de referência para esse tipo de arte na cidade", revela Lucio Agra.

Artistas e performances

Ignacio Perez Perez e Juliana Rial Chávez (Venezuela) - As performances de Ignacio e Juliana (sempre realizadas conjuntamente) lidam com situações de limite físico baseadas no equilíbrio e na resiliência do corpo. Os artistas encenam situações físicas nas quais é impossível não notar as tensões nas relações interpessoais de vários tipos.

Fernando Ribeiro (Cumbuco/PE) - Diferenciado, usando cordas de escalada e lama, o artista controla uma situação absurda de embebedamento que oscila entre a esperança de êxito e o fracasso absoluto.

Luiza Nóbrega (São Paulo/SP) - Em suas performances, Luiza sempre trabalha com o esforço que poderia ser considerado inútil e a exatidão até o limite de sustentabilidade da voz, das pernas etc. Todo o trabalho consiste na apreensão estética desses limites e sua sutil variabilidade.

Paula Garcia (São Paulo/SP) - Mergulhada em uma corporeidade alterada pelo peso das banas de ferro grudadas por poderosos imãs ao seu corpo, Paula enfrenta uma situação de absoluta instabilidade.

Marcus Vinícius (Vitória/ES) - As apresentações de Vinícius trazem sempre uma situação de excesso, como a perpétua atitude com os abafadores grudados ao corpo emitindo buzinas ou o mergulhar do rosto no inoperável.

Sara Panamby & Filipe Espindola (São Paulo/SP) - Representantes da vertente que trabalha com a modificação corporal (suspensão, escultura, branding etc.), os dois artistas cumprem exercícios físicos de desafio ao corpo e ao seu limite, principalmente a pele. **Flávio Rabelo (São Paulo/SP)** - O trabalho de Rabelo tem sido sempre a investigação dos limites de sobrevivência no espaço urbano, da própria subjetividade confrontada com personagens e o gênero. Trabalha no limite entre o teatro e a performance, fazendo essas linguagens se confundirem.

Gabriel Bô (São Paulo/SP) - Mais recentemente, Gabriel vem trabalhando com os ritos de cotidiano e sua influência em um corpo vulnerável.

Mar del Vecchio (São Paulo/SP) - Construindo roupas físicas de vestir, feitas a partir de rosas - e seus espíritos - no cenário de meio de rua urbana, Marla projeta uma apreensão de um corpo que ainda para os estímulos de sua legendagem.

Priscila Davanzo (São Paulo/SP) - Há vários anos trabalhando com modificação corporal, Priscila desde sempre trabalha com limites não só do próprio corpo como nas histórias inter-linguagens. Sua presença neste Performa Paço é o reconhecimento do seu pioneirismo na perspectiva abordada por esta curadoria (Ações Extremas).

Coletivos

Coletivo Informático (Belo Horizonte) - Trabalha com teleperformance, com transmissão via rede. Os limites explorados alcançam a não-arte e o risco de desconexão.

Arco Experimental (São Paulo/SP) - Realizando performance em lugares públicos abertos, na periferia da cidade, o coletivo enfrenta situações de risco (ações em lugares de "terrors", lugares amos, registradas em vídeo). Presencialmente fazem uso de objetos perigosos, no limite da impossibilidade.

Sobre Lucio Agra

Nascido em Recife/PE (1960), cresceu em Petrópolis, Rio de Janeiro, e há mais de 10 anos mora em São Paulo. Gradou-se em Letras na UFPA e concluiu seu Mestrado e Doutorado em Comunicação e Semiótica na PUC-SP, onde até hoje trabalha como Professor Adjunto do Departamento de Linguagem do Corpo. Colaborou com Renato Cohen (1996/2003) desde 1997, tanto artisticamente quanto como membro da equipe de professores de performance da Graduação em Comunicação das Artes do Corpo, onde lidera, juntamente com Nara Cotti, o Grupo de Estudos de Performance. Como artista, desenvolveu pesquisa em torno aos trabalhos de Kurt Schwitters (1887-1948), apresentando sua obra em 2000, 01, 02, 03, 07 e 10 - desta última vez na 2ª Bienal Internacional de São Paulo.

Desenvolveu, em paralelo, um "meio" de performance, count poetry e improvisação musical livre com os grupos (formação) Paris, Montevideo e São Paulo, 2007/08) e Orquestra Desconhecida. Apresentou performances e palestras em diversos festivais nacionais e internacionais tais como E-Poetry (2001) e E-Poetry Paris (2007), RIAP (Culdes, 2010), Instituto Heliópolis (Itapetininga, 2009), Encontro de Poesia Experimental (Montevideo, 2009), 10 Dimensões (Natal), Vozes (Manaus) e Performance, corpo, política, território (Belo Horizonte) todos em 2010. Em 2011 participou do Festival Performance Arts Brasil (MAMB) e do Projeto Interação (SP, Québec (São Paulo) em 2009 foi um dos indicados para o Prêmio Sérgio Motta na categoria atos em meio de cidade. Autor de "Tela Barba" (Gomara, 1994), História da Arte do séc. XX - Ideas e Momentos (Jenais, 2000) e Montebúrbano - arte e cultura dos vanguardistas (Perspectiva, 2010).

Serviço

Performa Paço - Ações Extremas

Performances: 10 e 11 de junho, das 16h30 às 19h - Espaço Subsolo | Grátis

Debates: 10 e 11 de junho, das 14h às 16h - Primeira Piso | Grátis

Abertura: 10 de junho, às 16h30 | Grátis

Local: **Paço das Artes**

Endereço: Avenida da Universidade, nº 21, Cidade Universitária, São Paulo

Tel: (11) 3814-4832 | Site: www.pacoedasartes.org.br

Avulso e elevador para cadeirantes

Núcleo estafético

Informações e agendamento de vagas orientadas para grupos

Tel: (11) 3814-4832 / ramal 4

Fonte: Assessoria de imprensa - **Paço das Artes**

Data: 06/06/2011

GAZETA DO POVO

CADERNO G

Quarta-feira,

Fotos: Jonathan Campos



O curador Paulo Reis selecionou 47 artistas e grupos que realizaram ou realizam performances em Curitiba

VISUAIS

O artista, o público, a cidade

Mostra no Solar do Barão reúne vídeos, fotografias e outros documentos sobre a performance realizada em Curitiba desde a década de 70

Curtir Tweet 0 0

Publicado em 22/11/2009 | ANNALICE DEL VECCHIO

O pesquisador Paulo Reis nunca pretendeu contar em detalhes a história da performance em Curitiba ao propor a exposição *Corpo na Cidade - A Performance em Curitiba*, um dos projetos aprovados no edital de ocupação de espaços da Fundação Cultural de Curitiba, em cartaz no Solar do Barão.

Ao iniciar a pesquisa sobre o tema, em 2006, mais do que tentar descobrir detalhes como, por exemplo, qual foi a primeira performance realizada na capital paranaense, ele desejava conhecer o contexto que levaria à realização de ações desse gênero artístico por aqui. O resultado culminou numa exposição que, mesmo dividida por décadas, não oferece um panorama completo, mas exemplos significativos de performances realizadas por 47 artistas ou grupos locais. "É uma radiografia parcial, que pode ser continuada", explica o curador.

Vestígios do efêmero

Como realizar uma exposição sobre uma ação artística tão efêmera? Obviamente, não há qualquer performance sendo apresentada ali, ao vivo, nas salas do Solar do Barão. "Esta é uma exposição de vestígios, em que o público vai tentando dar sentido ao que já se realizou e agora está somente documentado", conta Reis. Ele conseguiu reunir, com a colaboração dos artistas, inúmeros vídeos e fotografias que documentam performances realizadas

na cidade desde a década de 70, além de documentos variados como convites, cartazes e catálogos.

Mas não há apenas registros do que já se foi. “As performances não são feitas só ao vivo, na rua, podem ser feitas das mais variadas maneiras, como para o vídeo ou para a fotografia”, conta Reis. Um exemplo disso é uma obra do artista e publicitário Rettamozo, em que ele é retratado dentro do quadro de uma fotografia, dobrando as pontas do papel até se fechar ali dentro (veja foto acima). “Pela forma/ ou pela forma/ o homem/ re-trans/ f-torna”, escreve como uma espécie de legenda. O artista é um dos pioneiros da performance na cidade, na década de 70, ao lado de Sérgio Moura e Lauro Andrade.



Os Encontros de Arte Moderna na Escola de Música e Belas Artes do Paraná: primeiras ações performáticas de Curitiba

Solar do Barão abriga mais quatro mostras

Além de O Corpo na Cidade – Performance em Curitiba, o Solar do Barão reúne mais quatro exposições em suas salas. A retrospectiva Denise Roman – 30 Anos na Fundação Cultural de Curitiba é uma homenagem da FCC à gravurista que completa 30 anos como artista e professora do Ateliê de Gravura do Solar do Barão. Há desde mandalas, onde “giram” seres que parecem saídos de contos de fadas, até meninas e bailarinas gravadas ao longo de tiras de papel, compondo pequenas narrativas que recebem títulos como “Cinco Gurias Girando e Olhando para Você” e “Vaga para uma Menina Girar”.

Eliane Prolik é a artista contemporânea convidada para expor sua produção recente nas exposições Defórmicas e Pra Quê. Na primeira, exibe uma série de obras formadas pela união de régua de fórmica de tamanhos e cores variadas. Mais de duzentas placas de veículos brancas com palavras prensadas em relevo formam a instalação Pra Quê.

Há ainda duas mostras de acervo, sob curadoria de Nilza Procopiak. Formas e Arquitetura exibe fotografias de Américo Paolini, Gustavo Moura, João Urban, Luis Humberto, Orlando Azevedo e Vilma Slomp, pertencentes ao acervo do Museu de Fotografia. Preservação da Natureza – O Desafio Contemporâneo revela rincões intocados da mata brasileiras em imagens de Araújo de Alcântara, Claus Meyer e Manuel da Costa.

Programe-se

Confira o serviço completo da mostra no [Guia Gazeta do Povo](#)

Alli ao lado, na mesma sala, um registro fotográfico de Key Imaguire registra um momento de um dos Encontros de Arte Moderna da Escola de Música e Belas Artes do Paraná, entre 1969 a 1974, onde se dariam as primeiras ações relacionadas à performance em Curitiba. “Eram encontros que trouxeram informações absolutamente novas e discussões de vanguarda para a cidade”, conta Reis.

As imagens mostram cenas de performances improvisadas pelos artistas em uma visita ao canteiro de obras da rodoferroviária, organizada pelo crítico Frederico Moraes. “Ele colocou os artistas no mundo, em contato com as coisas, produzindo arte com o efêmero. Afinal, em breve as pedras se tornariam cimento; e os ferros, estrutura”, conta o curador.

Nos anos 80, em plena abertura política, as performances ganham as ruas. “Os artistas retomam o espaço público”, conta Reis. Alguns trabalhos estão mais ligados “a injunções de caráter subjetivo ou de ficções pessoais”, produzidos por Rossana Guimarães e Raul Cruz. Outros são mais experimentais e com vela pop-

anárquica, como os de autoria do Grupo PH4, de Edílson Viriato e de César Almeida. Há, ainda, pesquisas sobre o corpo e o movimento feitos por Eliane Prolik, Denise Bandeira e Laura Miranda, além de performances de caráter coletivo mais político e crítico, como as do Grupo Sensibilizar.

Conceito ampliado

Alguns trabalhos selecionados por Reis foram escolhidos a partir de um conceito ampliado de arte. Paulo Reis gosta de dizer que “pôs os óculos” da performance em algumas obras como, por exemplo, um ensaio fotográfico de Raul Cruz. O curador encarou como performance o que fez Yiftah Peled, em 1992, em uma ação artística que se confunde com a própria vida. O artista construiu uma escultura, vendeu-a e, com o dinheiro, comprou tênis para catadores de papel. Em seguida, colou cartazes pela cidade com os dizeres “pense sobre seus pensamentos”.

A performance é mesmo uma arte complexa, que flerta com a dança, o teatro, as artes plásticas, como os diversos registros de performances produzidas nas décadas de 1990 e 2000 permitem entrever. A artista Carla Vendrami, que morreu em julho deste ano, instalou uma espécie de tenda no Aeroporto Afonso Pena para servir como um espaço onde se “sentar, pensar, discutir”. Fernando Ribeiro enrolou-se em filme de PVC e provocou reações inesperadas do público.

Uma fotografia de Marga Puntel exibe uma mulher com uma viseira feita de plantas (procure, junto com os documentos expostos nas vitrines, o catálogo em que a artista dá instruções sobre como fabricar viseiras). Bernadete Amorim e Eliane Prolik marcam uma parede branca com impressões do corpo e poeira. Otávio Camargo determinou que um grupo de pessoas se deitassem em fila em plena Rua XV de Novembro, unindo pés com cabeças.

Memória urbana

Rua XV, Rodoferroviária, Praça Zacarias, Relógio das Flores. Paulo Reis “viajou pela cidade” ao selecionar as performances que fariam parte da exposição. “São trabalhos que dão acesso a outras camadas de Curitiba”, diz. O curador diz que, nas performances que pesquisou, percebe um fluxo pela cidade, atravessado pelo que acontece no mundo e sem que se busque uma identidade local. “Vejo muita qualidade e sintonia com o que se realiza no restante do país nas performances realizadas aqui”, diz o curador.

PERFORMANCE

PERMISSIVA



A artista Marina Abramović em uma performance em 2005. Ela se tornou uma das artistas mais conhecidas do mundo.

Manifestações do gênero performático ganharam notoriedade na década de 1970, mas, ainda hoje, por sua característica interdisciplinar, são utilizadas por artistas que desejam ampliar seu campo de ação.

texto de Fernando Ribeiro

Quando a performance se originou, não se imaginava que poderia ser tão complexa. Ao pensar a linguagem sobre si mesma e relacionar com outras e a história, é quase hábito dizer: "isso não é arte, é vida". Contudo, há quem diga que a performance é "uma forma de arte que pertence a todos os lugares e a todos os tempos".

O termo "performance" foi criado na década de 1970, quando se tornou uma palavra independente para se referir a uma atividade artística. Ela se tornou uma forma de arte que pertence a todos os lugares e a todos os tempos. Ela se tornou uma forma de arte que pertence a todos os lugares e a todos os tempos.

qual participa toda gente. Pode ser feita na praia, na rua, em um bar, no palco, no cinema, em qualquer espaço em que se possa reunir um grupo de pessoas. Pode ser transmitida via satélite e vista por milhares de pessoas em qualquer lugar do mundo. Pode ocorrer em qualquer espaço e em qualquer situação. Pode ser registrada por vídeo, fotografia, áudio ou vídeo.

Marina Abramović
A performance não é uma arte, é uma maneira de viver. Ela é uma maneira de viver que se manifesta em qualquer lugar e em qualquer situação. Ela é uma maneira de viver que se manifesta em qualquer lugar e em qualquer situação.



MOVEDIÇA

de dança e teatro. Ela é uma maneira de viver que se manifesta em qualquer lugar e em qualquer situação. Ela é uma maneira de viver que se manifesta em qualquer lugar e em qualquer situação.

Arte híbrida
Não é preciso se limitar para criar uma performance. Ela pode ser feita em qualquer lugar e em qualquer situação. Ela é uma maneira de viver que se manifesta em qualquer lugar e em qualquer situação.

Agências de arte e galerias podem oferecer oportunidades para que os artistas possam mostrar suas obras em diferentes espaços e em diferentes situações.

Maria, como a sua, a história de sua vida, sua história de vida, sua história de vida. Ela é uma maneira de viver que se manifesta em qualquer lugar e em qualquer situação.

Um vídeo de Marina Abramović, uma das artistas mais conhecidas do mundo. Ela se tornou uma das artistas mais conhecidas do mundo. Ela se tornou uma das artistas mais conhecidas do mundo.

Quando a performance se originou, não se imaginava que poderia ser tão complexa. Ao pensar a linguagem sobre si mesma e relacionar com outras e a história, é quase hábito dizer: "isso não é arte, é vida". Contudo, há quem diga que a performance é "uma forma de arte que pertence a todos os lugares e a todos os tempos".

O termo "performance" foi criado na década de 1970, quando se tornou uma palavra independente para se referir a uma atividade artística. Ela se tornou uma forma de arte que pertence a todos os lugares e a todos os tempos.

Quando a performance se originou, não se imaginava que poderia ser tão complexa. Ao pensar a linguagem sobre si mesma e relacionar com outras e a história, é quase hábito dizer: "isso não é arte, é vida". Contudo, há quem diga que a performance é "uma forma de arte que pertence a todos os lugares e a todos os tempos".

O termo "performance" foi criado na década de 1970, quando se tornou uma palavra independente para se referir a uma atividade artística. Ela se tornou uma forma de arte que pertence a todos os lugares e a todos os tempos.

caderno G

ARTIGO

Reflexões sobre a performance

Fernando Ribeiro*

A performance art é, hoje, uma forma de expressão que propõe a maior experimentação por parte do artista. Por possuir uma estrutura aberta, pode reger-se a muitas diversas expressões, técnicas e tecnologias, em um trabalho artístico. Sua possibilidade acaba, também, dificultando uma definição clara, tornando muitas vezes a pergunta "Mas o que é performance?"

O artista cria as regras

A participação em definir a performance está em fechar o seu conceito ou limitá-lo. Realizar é uma percepção subjetiva, pois é sua característica não possuir regras ou limites pré-definidos. Quem os dá é o artista quando cria, ou seja, cada performance terá suas próprias regras e limites individuais. Isso pode passar a impressão de caos, de confusão, de que cada artista assim define o seu trabalho como performance por pura liberdade poética ou mesmo por convenção. Não, eu digo que não.

Todas as performances possuem, em elementos em comum e que aqui chamamos de elementos estruturais. Por isso, diversos que sejam seus temas, seus conteúdos, suas técnicas, esses elementos necessários são constantes e auxiliam a identificar um trabalho de performance art. Chamamos de elementos necessários tempo, espaço e público, o espaço e o tempo, e pretendendo explicar os outros.

A ideia de corpo

O corpo não é somente a matéria ou o material do artista, mas o próprio performer, sua própria liberdade. É no corpo que encontra sua linguagem, seu signo, suas relações políticas, sociais e culturais. Por isso que o artista trabalha com seu próprio corpo, com outros corpos, e a sua ideia de corpo que opera dentro da performance. A performance sempre é um deslocamento do artista para fora.

É a ação que dá origem a performance e não o corpo ou a comunicação. O tempo é a linguagem, a ação é a comunicação. A ação sempre produz significação por si mesma, ela não depende de ninguém. O artista não atua, age. Não é uma interação ou uma representação. A ação é, pura e simplesmente, a ação mais simples, como tocar um

teclado ou dirigir um ônibus. É significativo. Não é necessário pensar, então, se se define como artista. Melhor a agir é uma atitude significativa.

O público é a pluralidade das pessoas e é com ela que a performance dialoga. A cada performance, o público sempre será outro indivíduo, pois não é massa, não é definido. São pessoas, cada uma com sua individualidade, sua vivência, suas experiências, seu modo de ver o mundo. Este não precisa tocar o artista. Este não precisa tocar o público, fazê-lo através do diálogo. É pela ação, pelo corpo, que se cria uma relação com o público. É a presença do público que possibilita o diálogo.

O espaço da performance é aquele que o artista determina. Tudo o que ele quiser permite as mais variadas possibilidades de interação e ação em relação ao público. Por isso é possível que uma mesma performance aconteça em ruas, praças, espaços fechados ou mesmo galerias de arte e museus. Onde for criada uma performance, o espaço faz parte dela, ela é absorvida, incorporada e reestruturada.

Operar o tempo

Performance, sempre, é temporal. A sua "obra de arte" está em seu desenvolvimento temporal, é processo, é presente, momento, mutação. No decorrer da performance, o artista opera tempo, em si e no público, cria momentos, situações, acontecimentos. A partir da ação cria uma nova lógica temporal que se extinguirá ao fim do seu trabalho, transportando a performance do presente para o passado, da sua experiência para a memória.

Todos esses elementos necessários são tratados de diferentes maneiras. Mesmo fazendo performances semelhantes estruturais, como transferência de ação do artista para o público ou a materialização do público, como o caso do vídeo performance, sempre haverá mudanças em relação ao tempo, ação, público, espaço e tempo.

Para finalizar, quem pensar apenas em características que ajudem a ser essencial para um trabalho ser uma performance. Há muitos outros intervenções urbanas ou mais diversos trabalhos que podem possuir os elementos necessários citados acima, mas que não são necessariamente performances.

Os resquícios

Pouco tempo, acredita que exista uma intenção de performance, ou seja, uma consciência do artista de produzir a significação do seu trabalho a partir da sua ação proposta. Um performance, a significação é produzida no aqui e agora, no momento da ação e não acontece no ato da significação. Um artista faz um trabalho urbano criando uma intervenção em lugares de um espaço. Será possível considerar performance se a ação dele, o produto da intervenção no espaço, não tem significação do seu trabalho. Nesse caso, os espaços produzidos nos espaços, após a ação, são resquícios da performance. No caso contrário, os espaços não devem ser fonte de significação. A ação só faz uma intervenção e sem peso significativo para o seu trabalho. Ou seja, não se investiga uma performance.

Nota do jornalista e do autor: Fernando Ribeiro é jornalista e escritor. O texto é uma reflexão sobre a performance art, não um tratado de teoria da arte.



Cada louco com sua mania

Fernando Ribeiro conta que gostou de experimentar sua própria performance. O texto fala sobre a relação entre o artista e o público, e como a performance pode ser uma forma de expressão pessoal e coletiva.

Cada performance terá suas próprias regras e seus próprios limites individuais. Isso pode passar a impressão de caos, de confusão, de que cada artista define o seu trabalho como performance por pura liberdade poética ou mesmo por convenção. Pois, eu digo que não. Todas as performances possuem, sim, elementos necessários.



Invisibilidade da arte

Em Cuba, o artista encontra-se com o espectador. A invisibilidade da arte é um tema que discute a relação entre o artista e o público, e como a performance pode ser uma forma de expressão que não é facilmente capturada ou documentada.

VISUAIS

Tema sem fim

O artista Fernando Ribeiro investiga seu próprio processo criativo

EU E O PÚBLICO É A EXPOSIÇÃO QUE o artista plástico e performer Fernando Ribeiro apresenta, a partir de hoje, na Galeria Adalce Araújo, na Faculdade Tuiuti. A mostra faz parte das comemorações de dez anos do curso de Artes Visuais da instituição. Com Ribeiro, abre-se um ciclo de exposições de alunos egressos, que vêm se destacando no panorama das artes plásticas e que apresentaram seus trabalhos de conclusão de curso no eixo de pesquisas em Poéticas Visuais.

A exposição de Ribeiro está relacionada a sua monografia de conclusão de curso, na qual ele analisou o seu processo de criação, que tem como um dos pontos fortes a vontade de aproximar-se da plateia através da arte.

As pinturas, performances e objetos que compõem a mostra foram produzidas entre 2001 e 2002 e analisadas durante a criação de uma monografia de conclusão de curso, em 2002.

Ribeiro fez uma volta às obras já prontas para investigar suas próprias motivações e observar, detalhadamente, as formas encontradas para solucionar as questões que se apresentaram no decorrer do processo.

A questão da relação com o público é uma constante na mente de Ribeiro, que também é DJ, o que, acredita, contribui para esse seu interesse por uma aproximação com o público. "Estudar seu próprio processo deixa evidente que, quando você está produzindo, existem muitos fatores momentâneos que te instigam a fazer algo, de forma inconsciente muitas vezes. Ao procurar o processo, é preciso ver o que estava pensando, quais artistas estava estudando e qual era o relacionamento que tinha com um determinado público naquele momento. Com isso, você vai descobrindo fatores inconscientes que o ajudaram a conceber um trabalho", comenta ele, que usou como base teorias de Hanna Arendt, Jürgen Habermas e Jean Baudrillard.

A performance na qual ele se



Ribeiro: investigação que passa pela performance.

enrolou com filmes de PVC, apresentada em lugares diferentes, por exemplo, trouxe algumas surpresas para Ribeiro. Ele conta que só se deu conta de que a ideia tinha nascido numa noite no bar Birnights, na hora de pesquisar para a monografia. "A primeira vez que entrei lá, fiquei pensando em como absorver o lugar e plateia e ser absorvido também por eles. Quando fui apresentar, efetivamente, outras questões já haviam se colocado. Só fui refletir sobre isso na monografia", conta ele, que acabou não mostrando sua obra no lugar que a inspirou, porque o bar fechou exatamente no fim de semana em que ele iria "enrolar" o Birnights.

Os trabalhos escolhidos para a mostra exigem graus variados de envolvimento do público. No caso das pinturas monotipadas em sacolas de plástico, a exigência por parte de quem assiste, é mínima. Já nas performances – área à qual

Ribeiro vem se dedicando com cada vez mais afinco –, a exigência é bem maior e a participação da plateia pode mudar todo o rumo da proposta e até dar origem a outras criações.

Mas, engana-se quem pensa que agora o trabalho de pesquisa do rapaz acabou. Pelo contrário, este viés que ele escolheu está sempre em mutação. Quanto mais ele encontra soluções, mais problemas aparecem. "Quando estuda-se o público, mais facetas surgem para serem entendidas. Para mim, ele é plural e, como tal, tem reações diversas. É uma questão que não se esgota", diz.

— ANTONIO PERES

→ **Sessão** Fernando Ribeiro – Pinturas, objetos e performance. Galeria de Arte Adalce Araújo da Universidade Tuiuti do Paraná – Câmpus Barigüê (R. Sídney Antônio Rangel dos Santos, 238 – Sala 312 B). Abertura hoje, às 19 horas. Até 17 de junho. Informações: (41) 331-7541.

ARTES VISUAIS

RITUAL CONTRA A VIOLÊNCIA

WALTER SEBASTIÃO

Um conflito de casal em algum bar da cidade, do sul-africano Gregg Smith. Um ritual contra a violência, da Indonésia Arahmaiani. Fotos criando deslocamentos dos elementos arquitetônicos da Casa do Conde Santa Marinha (local do evento), do norte-americano Jill Magrid. E várias obras de jovens artistas que trabalham com performance. Assim é a programação de hoje da Manifestação Internacional de Performance (MIP), que apresenta, inclusive, resultados de oficinas desenvolvidas durante o evento.

Atração especial da representação internacional é a palestra e apresentação de obras, às 19h, da artista holandesa Moniek Toebosch. Ela mostra o CD-ROM *Arquivo*, com imagens de seus trabalhos desde os anos 60 aos dias de hoje. Cantora lírica, fez cursos de moda e arte, e é considerada uma personalidade histórica do setor da performance. Até pelo fato de, já no final dos 60 do século XX, estar realizando happenings, inclusive para o movimento Provos (um grupo que somou arte-experimental e militância política cujas atividades são um marco da contracultura).

Entre os artistas selecionados a partir de inscrição está o paranaense Fernando Ribeiro, de 24 anos. "Meu trabalho é sobre o discurso da pintura", afirma, contando que com o corpo sujo de tintas realiza impres-

sões em telas brancas. Detalha motivos como a ação de pintar ou o tema do gesto, recuperando questões postas pelo norte-americano Jackson Pollock (que pintava andando e jogando tinta sobre superfícies postas no chão) ou o francês Yves Klein, que também imprimia corpos sobre telas, ambos com operações que constituem imagens clássicas dos antigos happenings.

Para Fernando Ribeiro o MIP é um evento único no Brasil: "Abre espaço para um linguagem ainda pouco conhecida e que encontra resistência das instituições, traz artistas nacionais e internacionais importantes ligados a estas pesquisas e abre um espaço para novos autores", explica, dizendo que o evento, além da proposta de abrir espaço para a experimentação no campo da arte, permitir ainda a troca de idéias, informações entre os artistas.

SERVIÇO

MOSTRA INTERNACIONAL DE PERFORMANCE

Hoje, à partir das 14h, com trabalhos de Ana Gastelois, Paola Rettore, Grupo Tramóia, Cristina Ribas, Solange Pessoa, Fernando Ribeiro, Isabel Pucú, Paulo Henflídio, Gregg Smith, Yiftah Peled, Jill Magrid e Arahmaiani. Na Casa do Conde Santa Marinha (rua Januária 130, Floresta). Ingressos: R\$ 20 (passaporte) e R\$ 10. Informações: (31)3214-0127.

CONTEMPORÂNEO

APOIO INTERNACIONAL GARANTE A MANIFESTAÇÃO INTERNACIONAL DE PERFORMANCE QUE COMEÇA AMANHÃ E VAI ATÉ SEXTA-FEIRA, NA CASA DO CONDE DE SANTA MARINHA

ARTE E ATITUDE NA CIDADE

HELVÉCIO CARLOS

A dificuldade dos produtores da primeira versão da Manifestação Internacional de Performance, que não conseguiram captar nem um tostão dos R\$ 90 mil aprovados pela Lei Estadual de Incentivo, resultou em alguns cortes, com uma exposição de material visual dos performers, mas não desestimulou a idéia. "Conquistar os empresários para a importância do evento é um trabalho a médio e longo prazo", atesta Marcus Hill, que ao lado de Marco Paulo Rolla estão à frente do Centro de Experimentação e Informação do Arte (Ceia), ligada a Rede Internacional de Iniciativas Culturais que tem apoio da Academia Real de Belas Artes da Holanda. Graças ao apoio internacional, o evento não foi cancelado.

Se sensibilizar os donos do dinheiro demanda tempo, o público já demonstra empatia. "O interesse é muito grande pela performance, uma expressão da ar-



CIVILIZAÇÃO

CORES

Performance de Márcia X, do Rio de Janeiro, se cobre de confettos

te contemporânea mais contundente e polêmica", pondera Hill.

A programação será dividida em performances com 19 atrações, sendo nove nacionais convidadas, seis delas - Márcia X, Wilson de Avellar, Marta Neves, Marco Paulo Rolla, são de Belo Horizonte. O programa conta

com oito convidados do exterior: Buza Afisina (Indonésia), Otobong Nkanga (Nigéria), Monali Meher (Índia), Arahmalani (Indonésia), Gregg Smith (África do Sul), Jill Magid (Estados Unidos) além de Moniek Toebosch (Holanda), quem ministra oficina; e Paul Pórry, que vai

participar de palestra.

Novos artistas também terão vez no Manifestação Internacional de Performance: Cristina Ribas (Porto Alegre), Fernando César Ribeiro (Curitiba), Izabela Pucú, de São Paulo, Ana Gasteiols, André Guimarães Brasil, Tetê Tavaros, Fernanda Duarte, Cinthia Marcelle, Gerardo Loyola, Grupo Tramóia, Paola Retore e Solange Pessoa, todos de Belo Horizonte.

SERVIÇO

MANIFESTAÇÃO INTERNACIONAL DE PERFORMANCE

De amanhã a sexta-feira, de 14h às 23h30, na Casa do Conde de Santa Marinha (rua Januária, 130, Floresta, (31) 3214-0127). Passaporte que dá direito a todas as atividades R\$ 20 (inteira) e R\$ 10 (meia). Ingressos individuais, R\$ 10 (inteira) e R\$ 5 (meia). Informações complementares (31) 3214-0127, 9915-1900 e 9612-4909.

PERFIL ■ JOVEM CRIADOR COMEÇA A DELIMITAR SEUS ESPAÇOS MISTURANDO

As muitas linguagens de

Fernando Ribeiro é DJ, performer, pinta e teoriza sobre público

MÚSICA, ARTES VISUAIS E TEATRO SÃO três ambientes artísticos pelos quais o curitibano Fernando Ribeiro, de 24 anos, transita, escrevendo sua história, estabelecendo conversas e misturando vivências. Como fazer essa transferência é algo que ele vai descobrindo no meio do caminho, exercita assim o talento de artista, que é como se autodefine. "Sou daqueles artistas novos, que está entrando no circuito, vindo como é, e criando minhas próprias possibilidades", explica.

Desta maneira, ele divide seu tempo entre o trabalho como DJ no James Bar – todas as terças-feiras, em noite que já conquistou fãs que destoam do estilo predominante do local –, e o expediente na diretoria de artes da Pastoral da Criança. O tempo que resta é passado no agradável ateliê no Abranches, entre pinturas e as picapes com as quais desenvolve sua pesquisa musical.

Ribeiro se formou no curso de Artes Visuais da Universidade Tuiuti do Paraná no ano passado, mas já transita pelo universo da música independente de Curitiba há mais tempo. Integrou algumas bandas alternativas e, por volta de 1998, se embrenhou pelas vielas da música eletrônica, começando como um DJ em seu significado mais primário – o tocador de CD. Aprimorou o aprendizado e, agora, já faz diferenças entre ser um DJ de eletrônica e de rock – área que preferiu, por conta dos modismos.



Fernando Ribeiro entre as pinturas de sacolas de plástico grandes, em seu ateliê no Abran

Como o universo dos DJs, o de performances é terreno polêmico que pode causar confusões por conta de limites não tão claros sobre o que seria uma e outra manifestação. Sobre os primeiros, Fernando acredita que muita gente

tem a idéia de que é só botar uns CDs para tocar e tudo bem. "Mas, hoje em dia, a música eletrônica exige técnica para mixar, já não é mais como no início", diz, confessando que ele mesmo começou tocando seus CDs.

Também na os apressadinl direito de dizer sa é performan que se dá na l algo planejado um planejam

ESPAÇOS MISTURANDO VIVÊNCIAS DE DIFERENTES VERTENTES

gêneros de um artista

trabalha sobre público e ocupação de espaços



grandes, em seu ateliê no Abranches.

é só botar uns do bem. "Mas, a arte eletrônica não é performance", diz, confesso. "Ela começou

Também na arte performática, os apressadinhos se sentem no direito de dizer que "qualquer coisa é performance". "É um processo que se dá na hora, com base em algo planejado, com os limites de um planejamento que não engessa.

É um jogo com o acaso", esclarece.

Bares são ambientes que Fernando Ribeiro normalmente utiliza como cenário para as suas atividades. Entre estripullas cometidas, o rapaz já "enrolou" o Era Só o Que Faltava e a Tuinti

com filme de PVC.

Por trás das picapes, ele aprendeu a entender um pouco mais de uma questão que considera intrigante: público. Entre a visão da Curitiba como uma "cidade teste", povoada por pessoas que têm medo de se aproximar do palco, ele opta por desmistificar as duas. Como DJ, tem casa lotada nas insuspeitadas noites em que toca no James. E das conversas com uma amiga carioca, percebeu que qualquer cidade pode ser provinciana, dependendo da referência de cada um.

"Ela acha o Rio de Janeiro provinciano. Por outro lado, tente encontrar alguém nas ruas de São Paulo – a cidade cosmopolita por natureza – numa noite de domingo?", argumenta. "Mas na 'provinciana' Curitiba, a gente coloca mais de 300 pessoas dançando numa madrugada de quarta-feira. Ou seja, a questão é achar jeitos de formar público, em qualquer cidade", arrisca.

Dos tempos de banda de rock, ele guarda a lição de que é preciso cavar seu próprio espaço – vivência que aplica nas artes visuais. "Coloco tudo na mesma balança, o Museu Metropolitano de Arte e o James. Não consigo separar o oficial do alternativo, e não vejo lógica nisso", finaliza.

— ADRIANE PERIN

→ Serviço: Terças com Fernando Ribeiro, James Bar (Av. Vicente Machado, 894). O artista mantém o blog fernandoribeiro.blogspot.com.

Sudários contemporâneos

Amábilis de Jesus da Silva

O Simpósio de Artes Plásticas "As Tecnologias e as Novas Sensibilidades", realizado no XII Festival de Artes da Cidade de Porto Alegre, apontou novas tendências de experiências estéticas através do encontro do corpo do artista com o computador e meios tecnológicos. Em seu texto *O corpo tecnologicado e o sentir pós-biológico*, apresentado neste simpósio, a artista e professora Diana Maria Gallichio Domingues comentou estas novas possibilidades e opiniões sobre mudanças de padrões nas sensações e novos paradigmas nas artes.

Um tema anterior ao do corpo tecnologicado, no entanto, parece não ter sido bem digerido: o do corpo do artista no estado da não-representação. Temos uma longa história da representação do corpo através da imagem, tanto nas artes visuais, quanto no teatro, de modo a perpetuar um corpo existente realmente, ou de ficção. Nas artes plásticas, para citar um exemplo, Diego Velázquez (1599-1660) pintou *A Infanta Margarida em Vestido Azul* (1659), e nós, espectadores, em 2002, paramos diante da janela apresentada pelo pintor e somos tomados pela contemplação. A palavra "contemplação" vem sendo utilizada em oposição à arte interativa, arte participativa, e em vários dicionários a encontramos como sinônimo de visão, observação, meditação, êxtase e consideração.

O estado de contemplação do espectador pode ser observado, também, no teatro, principalmente naqueles onde há uma representação intencional, de modo a imitar, às vezes encarnar, alguma personagem. Uma representação naturalista, por exemplo, stanislavkiana, onde o espectador vê como que pelo buraco da fechadura; o ator/atriz vai buscar, com perfeição, a reconstituição do corpo da

do corpo, evocou a relíquia cristã, a dualidade entre a fé e um ato artístico.

São João, o apóstolo, descreve: "Tomaram, pois, o corpo de Jesus, e envolveram-no em lençóis com aromas, segundo a maneira de sepultar usada entre os judeus" (Jo 19, 40). Estes lençóis absorveram a imagem, criando elos entre o humano e o divino, representando um corpo existente, materialmente. O Santo Sudário continua sendo estudado por religiosos e cientistas como garantia de que o corpo santo de Cristo foi uma transmutação do imaterial/material/imaterial. O sudário de Klein questiona os dogmas da pintura, ou confirma-os, submerso no potencial efêmero de sua arte, tanto quanto no registro azul que eterniza o acontecido, mas perpetua a certeza da não-imortalidade.

Fernando Ribeiro retorna a questão do figurativo, através de uma performance em vídeo. O artista pendura duas telas, uma de frente para a outra. Pinta uma delas, aleatoriamente, apenas cobrindo-a de tinta. Num segundo momento, entra na, e correndo, joga-se contra a tela pintada, e depois, contra a tela em branco, carimbando-a. E então, além de nos voltarmos para o sudário de Klein e o Santo Sudário, temos um encontro metafísico, de breve existência, com ancestrais de Anatólia Meridional - Turquia: os *Dançarinos Leopardo*. Este mural de 6000 a.C. emociona principalmente pela resposta que não temos: por que é tão sedutora a representação da imagem do corpo? Andreas Lommel, em *O Mundo da Arte* (Ed. Expressão e Cultura, 1979), comenta: "O aparecimento de figuras humanas naturalísticas animadas [neste período] refletiu a perda de interesse pelos animais de caça" (p. 38). De onde vem, afinal, este desejo? Comunicação, misticismo ou expressão?

A performance de Ribeiro

buraco da fechadura; o ator/atriz vai buscar, com perfeição, a reconstituição do corpo da personagem.

Toda vez que tentamos reavivar um corpo existente na dramaturgia (existido de fato, ou não) estamos, do mesmo modo como ocorre nas artes plásticas, suscitando um antigo prazer humano: o prazer da representação através da imagem.

Ocorre, porém, conforme nos fala Domingues, que "a arte deste século introduziu realmente o corpo no cenário. Não somente a partir de representações que falam do corpo como em séculos anteriores, mas ações, comportamentos que envolvem o corpo na sua capacidade física de produzir trabalho, ou seja, imerso no conceito de energia" (www.artcno.ucs.br/textocorpe.c.htm). E tendências como a *Body Art*, *Happening* e, principalmente, *Performances* (todas da década de sessenta) mostram o corpo em um estado que não é mais o da representação ou imitação. O corpo do artista está ali vivo, presente. Sua participação é efêmera, dura apenas o tempo da atividade. Não é possível substituí-lo (como no teatro, onde há um personagem com certas características que o ator/atriz pode alcançar através da técnica). O corpo do(a) "performer" não representa ninguém além dele mesmo. É preciso recorrer às investigações do Novo Realismo (década de sessenta) para entendê-lo: a realidade exposta se comunicando em tempo real com o espectador, e este por sua vez, abandonando seu estado de contemplação.

Esta questão está bem colocada na performance do artista paranaense Fernando Ribeiro. Tomo a liberdade de viajar, com sua obra, pelo tempo (tempos esparsos) para encontrar correspondente em dois aspectos incidentes na contemplação da imagem do corpo: o místico e o artístico.

No ano de 1960 modelos nus, cobertos de tinta azul, deixaram suas impressões nas paredes brancas de uma galeria. Segundo definição de Pierre Restany, produziram um sudário coletivo. Acontecimento comungado por poucos, os *Pinceis Vivos*, "happening" de Yves Klein (1928-1962), além de reavivar o fascínio do ser humano pela representação da imagem

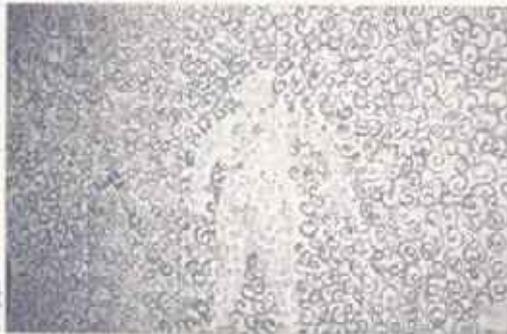
jo? Comunicação, misticismo ou expressão?

A performance de Ribeiro confronta passado e presente, pintura figurativa e abstrata. Contudo, o figurativo de sua performance é a presença física do artista que circula entre a representação abstrata. Como se ao contemplar a imagem desenhada na parede em 6000 a.C. vissemos sua projeção no tridimensional, viva, a nos mostrar nosso corpo antigo. Mais uma vez a antropometria de Klein (estudo do conhecimento das diversas partes do corpo humano).

Este corpo em ação, ligado à action painting de Pollock (1912-1956), onde o corpo em ação interfere no acaso, e também à Body Art, reflete as questões acima descritas, pois temos um corpo em estado diferenciado da representação pictórica e da representação teatral, conforme o entendimento de Pierre Restany, no livro *Os Novos Realistas* (Ed. Perspectiva, 1979): "Os atores [são] mais protagonistas do que intérpretes (o termo técnico corretamente empregado é *performer*, aquele que executa, que vai até o fim)" (p. 253). Deste modo, não mais se eterniza uma fração de segundo da existência de um corpo, e também não há mais a tentativa de encarnar o corpo de algum personagem.

Contudo, a simultaneidade de acontecimentos que estamos presenciando nos mostra, de um lado, a necessidade de contemplação, tão antiga, da obra de arte, e, ao mesmo tempo, experimentações ultrapassam o limite ser humano/máquina e buscam novas formas de satisfações estéticas. Estamos no ciberespaço, mas desejamos a moldura: "Mas todas essas tecnologias ainda nos colocam diante de uma superfície a ser contemplada. Assim, são imagens baseadas na aparência que são contempladas de uma janela, após serem fixadas na memória do filme, da fita de papel, da projeção, ou da tela luminosa da TV" (DOMINGUES, site já indicado).

Amábilis de Jesus da Silva é mestrandia na Udesc e professora de Inscenografia e Cenografia na FAP, onde também é membro do Núcleo de Pesquisa em Artes Cênicas. O artista Fernando Ribeiro colaborou com os trabalhos do núcleo da FAP em 2002 e ministra cursos na Universidade Tuiuti.



Vídeo de Michelle Kusther



Esculturas em isopor de Lígia Perreto

Poética visual em várias linguagens

17 novos artistas "passeiam" por técnicas diferentes em exposição que abre hoje em Curitiba

Equipe da Folha

Curitiba - Um grupo de 17 novos artistas invade o Museu Metropolitan de Arte em Curitiba e hoje, às 19h00, abre a exposição "Poéticas Visuais" para apreciação do público. As obras que ali estão são de diferentes linguagens - tem pintura, vídeo experimental, arte digital, instalação, fotografia, escultura. A curadoria é de Carla Vendrami e Adriane Hernandez. São obras com diferentes linguagens: vão da pintura ao vídeo, da instalação à arte digital, da fotografia à escultura.

O que há em comum nesta coletiva é o fato dos artistas serem desenhados suas criações a partir da pesquisa em poéticas visuais. Esta foi um trabalho iniciado no curso de Artes Visuais com Ênfase em Computação da Universidade Tuiuti do Paraná. Todos os artistas passaram pelo curso.

"São trabalhos fortemente baseados distintos uns dos outros, mas sempre com uma poética muito particular de cada um. A linguagem plástica é muito forte em todos as obras", comenta Adriane Hernandez, que é também orientadora de poéticas visuais na UTP no lado de Carla Vendrami.

Nessa ideia de fazer esta exposição foi em função dos bons resultados que estamos vendo na universidade, e também para incentivar

estes questões da pesquisa em arte que temos desenvolvido no curso. Com esta linha de trabalho, não há mais aquela coisa de influência do mestre, cada um busca a sua individualidade", explica Adriane.

"Esta é a diferença da pesquisa. Estes são um resultado legal sem precisar de nenhum 'formulário' passado pelo professor, o trabalho é resultado de uma pesquisa desenvolvida por cada um deles."

As curadoras frisam que a exposição foi organizada pelas artistas poéticas Adriane Hernandez e Carla Vendrami e não pelas professoras frente a seus alunos. Elas preferem dizer que o evento "é uma coisa de artista para artista. Queremos com este projeto abrir um espaço para um novo tipo de produção e estes trabalhos foram selecionados por mérito, como é feito em qualquer outra mostra. Não estamos colocando estas obras como produção acadêmica, mas como obras próprias", destaca Carla Vendrami.

Estão em "Poéticas Visuais" os jovens artistas Anderson Thivet, Cássia Dambroski, Cristiane de Souza, Cívica Cardoso, Elene Pellizzari, Jeanne Ella Lobo, Helena Galvão, Fábio Follador, Fernando Ribeiro, Karen Chermberg, Juliana Dal Pozzo, Zuliani, Juscelino Ribas Oski, Lígia Perreto, Marina de Lourdes Peroto Dostik, Michelle Kusther, Nilca Turquesa e Saulo Camargo de Oliveira.



Instalação de Karen Chermberg

SERVIÇO

Poéticas visuais, coletiva de novos artistas abri hoje, às 19h00 no Museu Metropolitan de Arte (Cores Cultural Food, Av. Pinheirão Argentina 3450). A exposição vai até o dia 9 de junho, com visitação pública de terça a quinta, das 7h às 19h; sexta-feira das 7h às 21h; sábados e domingos, das 15h às 19h.

PERFORMANCE



Filme de PVC e público são as matérias-primas de Fernando Ribeiro.

O ato de ser enrolado

Fernando Ribeiro apresenta *Sem Título/Untitled* no Birinight's

NÃO É DE HOJE QUE ARTISTAS DAS MAIS diversas áreas procuram a interação de suas obras com o meio e as pessoas em geral. Seguindo esta linha, Fernando Ribeiro apresenta hoje, no bar Birinight's, a performance *Sem Título/Untitled*.

O formato da empreitada surgiu da observação do bar desenvolvida por Ribeiro - alguém que se define como um artista de multimeios -, que esteve por um bom tempo em busca de um local em que pudesse se utilizar do ambiente em seu estado normal - aqui, um lugar repleto de pessoas se divertindo na noite - para mostrar suas idéias. No caso, Fernando - que passou a se

interessar mais seriamente pela seara das artes visuais em 1999, após uma trajetória que inclui a fotografia, a parceria com a extinta banda Bloom, experiências como DJ e passagens pelo departamento de arte de algumas importantes agências de publicidade sediadas em Curitiba -, tem a intenção de ultrapassar os limites que obras de arte ganharam em bares nos últimos anos - sempre destinadas à observação estática e isolada -, provocando a platéia que, por ventura, esteja acompanhando sua intervenção.

"Atualmente, muitos bares estão no giro da arte, só que geralmente é algo muito dimensionado, para simplesmente expor uma obra e nada mais", fala Fernando Ribeiro. "Quero algo mais".

O tal algo mais se dá quando o artista - atualmente também trabalhando num projeto musical batizado de Sayborgh 3 - começa a cobrir a superfície do bar com filme de PVC. Trabalhando

com o paradoxo da transparência, ele deve começar todo o processo a partir da pista de dança do Birinight's, e envolver e colar o que estiver a mão. Sugerindo que o *grand finale* pode contar com algo que remeta a "criatura engolido por criatura", Fernando também questiona a objetificação do ser humano, e os significados que o verbo enrolar foi ganhando no decorrer do tempo - isto tudo com o som ambiente da casa.

"Trabalho com idéias como o plástico protegendo a parede, mas também protegendo quem se encostar nela. Mas uma das interpretações mais fortes é mesmo o conceito de ser enrolado, em vários sentidos", finaliza Ribeiro.

- **HELENA SOARES**

→ **Serviço:** *Sem Título/Untitled*, performance com Fernando Ribeiro. Birinight's (R. Trajano Reis 326), a partir das 23h. Entrada R\$5, mais R\$5 (homens) e R\$3 (mulheres) de coxumação. Até meia-noite, mulheres têm coxumação livre.